

FIJAR OU PARTIR

Os dilemas da juventude rural em
Antônio Carlos, Sc



Diana Mannes Koch

FICAR OU PARTIR

Os dilemas da juventude rural em
Antônio Carlos

Diana Mannes Koch

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso
Orientadora Maria Terezinha da Silva

Reportagem e Fotografia
Diana Mannes Koch

Revisão
Mariléia Mannes Koch

Capa
Nicolas Avansini

Projeto Gráfico e Diagramação
Otávio Francisco

Dezembro de 2019

Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio e Mariléia, e a todos os agricultores familiares que, assim como eles, lutam por reconhecimento e autonomia.

A roça É boa?

A pergunta, que faço desde a adolescência, quando ainda sonhava em entrar para a universidade, inspirou e atravessa agora esta reportagem. Filha de agricultores, fui criada em uma cidade rural, Antônio Carlos, na Grande Florianópolis, onde as pessoas não costumam refletir muito sobre certas coisas e vão apenas repetindo-as ao longo de gerações. Questões como essas, portanto, passam despercebidas na rotina intensa do trabalho da roça. Para os jovens como eu, no entanto, a busca por essa resposta se tornou uma tarefa constante por ser fundamental em nossas decisões.

Comecei a relatar esta história sem saber ao certo como falar desta cidade e dos seus jovens. Porque não é apenas uma cidade em Santa Catarina, mas é aquela que vivo minhas 22 primaveras. Não são apenas jovens, são pessoas que, como eu, carregam em seus corações inúmeras interrogações, resultado da complexidade da realidade em que vivemos, na qual por um lado carece de novos olhares, e, por outro, nos permite ficar próximos da família e da tranquilidade da natureza. A situação ambígua torna as decisões ainda mais difíceis.

Para ilustrar os dilemas da juventude de Antônio Carlos, recorro a história de 11 jovens e suas famílias que contam, entre outras coisas, sobre as dificuldades da agricultura familiar. Nos próximos parágrafos

você encontrará exemplos de vidas inteiras dedicadas à roça, relatos sobre o município, sua cultura e tradição. Histórias de jovens que decidiram estudar para 'serem alguém na vida' ou ainda os que desistiram da escola para se dedicar à roça, sendo também alguém na vida do jeito que escolheram. Os que partiram, para bem longe, os que voltaram e aqueles que ficaram, mesmo que temporariamente. Pelos olhos dessas pessoas, trago um recorte de como é ser jovem naquela cidade e estar diante do maior de todos os dilemas: ficar ou partir?

A história que conto é deles, do jeito que eu as entendi e tentei narrar o mais fielmente possível. Mas em cada relato encontro um pouco de mim e de uma cidade inteira de jovens com vocação para plantar sonhos e com desejo de colher um futuro melhor. Nossas histórias se fundem, entrelaçadas em um laço de cipó de laranjeira, com nós de sabedoria e transformações.

Verde vale

Os vales desta aldeia são verdes e cheios de vida. De vida plantada e trabalhada. Antônio Carlos possui menos de dez mil habitantes que vivem, na sua grande maioria, às margens do Rio Biguaçu. A 30 quilômetros de Florianópolis, capital de Santa Catarina, a cidadezinha rural cresceu entre as montanhas cobertas por Mata Atlântica que separam os municípios de Biguaçu, Angelina, São Pedro de Alcântara, Major Gercino e São João Batista. Os caminhos sinuosos cortam os morros, contornando os verdes vales que o progresso ainda não conseguiu alcançar. As estradas que levam até os 14 bairros do interior seguem à margem do curso das águas do rio. Antônio Carlos existe há 56 anos como município, e as famílias que ali residem construíram debaixo de sol e chuva — literalmente — o título de Capital Catarinense das Hortaliças e dos Hortifrutigranjeiros. Atualmente, cerca de 80% da população depende da agricultura familiar, seja pela produção ou da comercialização dos produtos que abastecem a região da Grande Florianópolis e se estendem para todo o litoral do estado de Santa Catarina.

**As pessoas
que nasceram
na cidade até o
século passado
tinham um
destino traçado**

Dos alimentos que compõem a mesa brasileira, cerca de 70% vêm de famílias de agricultores como as de Antônio Carlos. Pessoas que acordam com as galinhas para colher as verduras ainda molhadas pelas gotas do orvalho. Homens e mulheres incansáveis como José Anastácio Richartz, 80, e dona Terezinha

Guesser Richartz, 79, que dedicaram toda a vida na agricultura. Agora, aposentados, veem a sétima geração da família assumir o trabalho da roça, seus netos Franklin e José Hygor.

Seu Zé Anastácio é descendente de um dos primeiros colonizadores alemães de Antônio Carlos, que chegaram através da então Colônia de São Pedro de Alcântara. Por volta de 1830, cansados da pobreza que viviam na Alemanha, cerca de 200 pessoas da região de Renânia-Palatinado, especialmente do altiplano *Hunsrück*, resolveram tentar a sorte do outro lado do oceano. O país havia passado por muitas guerras e os agricultores ficaram sem terras para plantar. O Brasil, por outro lado, oferecia um paraíso: clima tropical, com riqueza de água e terras. País onde o próprio governo recebia tão bem os estrangeiros que trariam progresso para as matas não exploradas, como conta Wendelino Meurer em seu livro “Antônio Carlos: sua terra e sua gente” e como descreve Raulino Reitz na obra “Alto Biguaçu”.

As histórias dos alemães ultrapassam os séculos e viram poesia na fala emocionada da população mais antiga da cidade, como seu Zé Anastácio e a esposa Terezinha. De boca em boca, os fatos foram sendo narrados de pai para filho, desde a viagem pelo Oceano Atlântico, nos navios que trouxeram centenas de imigrantes para o Brasil, até episódios de perdas e sofrimentos. Ainda no navio, a fome, a falta de higiene e, conseqüentemente, as doenças fizeram com que muitos alemães não conseguissem concluir o trajeto. Cobertos com lençóis amarelados, eram sepultados no mar. Imagine a tristeza ao ouvir o baque dos corpos dos entes queridos na água do oceano. Para eles, o Brasil ficou apenas como um sonho, envolvidos, por fim, nas ondas revoltadas da esteira do navio. Meses navegando e, finalmente, um sentimento de alívio invadiu o coração daqueles que sobreviveram. Terra à vista! Era a Baía de

Guanabara, no Rio de Janeiro, onde desembarcaram e ficaram por alguns dias. Sem nenhuma informação a respeito das promessas do governo, decidiram partir para a província de Santa Catarina, pois, segundo comentários, lá o clima era mais agradável. Depois de dois meses em Desterro, então capital, receberam a notícia para a última viagem, que seria para as tão almeçadas terras.

Seguiram para o interior e instalaram várias colônias, a primeira delas chamada São Pedro de Alcântara, nome do atual município. O local de solo árduo, porém, era impróprio para a agricultura. Não seria possível que eles tivessem viajado e sofrido tanto para chegar ao Brasil e receber terras imprestáveis. Descontentes com o que haviam encontrado, cerca de 10 famílias saíram para desbravar as florestas ainda virgens em torno da região. Chegaram em um vale muito rico, com água em abundância e montanhas melhores para o plantio. Até a década de 1980, os terrenos montanhosos eram os mais valorizados. Nos lugares mais altos raramente se formam as geadas, que matam a plantaçaõ nos invernos mais rigorosos. Além disso, os morros possibilitavam a queda de água, que movia as engrenagens dos engenhos, principal meio de subsistência das famílias na época, como a de Zé Anastácio, que sobreviveu durante muito tempo do melado e da farinha que produziam artesanalmente. Escolhido o morro, as árvores mais resistentes do local eram cortadas em uma certa altura e de forma estratégica para servir de base das casas. Instalados, os primeiros agricultores começaram a cultivar o solo: cana de açúcar, mandioca e fumo formaram as primeiras plantações.

Aos poucos a comunidade foi crescendo, primeiramente pelo bairro do Louro e mais tarde por Rachadel e Santa Maria. Foram surgindo novas moradias, logo a primeira igreja, em 1838, e então um

colégio, a Escola Mista Provincial, construída em 1881. Ali nascia a primeira geração de agricultores daquela aldeia que, em 1963, se desmembraria da cidade de Biguaçu para se tornar Antônio Carlos.

O tempo de vida no campo terminava cedo para aqueles que não conseguiam tirar tempo para si mesmos. Aos 80 anos, a pele mostra sinais de quem se arriscou muito no sol. Zé Anastácio e dona Terezinha começaram cedo na lida da roça. Aos 7 anos as crianças já estavam prontas para ajudar a família.

— Quando entrei na aula com nove anos eu já estava toda inchada de reumatismo, de tanto trabalhar. Nós tinha cinco, seis anos, o pai marcava na roça cada um o seu pedacinho e nós tinha que ter aquilo capinado até de noite, quando ele vinha olhar. Isso para nós era igual um castigo — disse dona Terezinha, respirando profundamente.

Os menores, ainda bebês, eram levados em uma espécie de caixote de madeira. Assim era a creche na roça.

— Com dois meses, a mãe já me levava sempre dentro de um balaiozinho junto para roça, para ela ajudar o pai a trabalhar. Antigamente não tinha gente para cuidar das crianças — lembra, comovida, a senhora.

Atualmente, os pequenos vão para o Centro de Educação Infantil Municipal Coração de Jesus, que fica no centro do município. Os netos de seu Zé Anastácio e dona Terezinha, porém, não chegaram a frequentar. A distância e a inexistência de transporte fez com que os dois seguissem o mesmo caminho dos avós e dos pais, Francisco José Richartz, 49, e Terezinha Schmitt, 47. Os nomes idênticos com os dos avós paternos se entrelaçam também com as histórias que se repetem nas gerações de agricultores de Antônio Carlos. As pessoas que nasciam na cidade até o século passado tinham um destino traçado.

Ainda na adolescência conheciam alguém e pouco tempo depois se casavam. Quando a situação financeira permitia, ganhavam um pedacinho de terra e um teto para morar. Mas isso era quase impossível diante da realidade de pobreza da região. Muitas famílias só não passavam fome porque comiam aquilo que plantavam. Nos primeiros meses, os casais viviam junto com os pais e continuavam trabalhando na agricultura. Não havia outra opção e nem se pensava a respeito do assunto. Automaticamente, os filhos davam continuidade ao trabalho dos pais; a própria família a isso incentivava. Dos nove filhos de Zé Anastácio e dona Terezinha, seis continuam na roça até os dias de hoje, entre eles está Francisco, mais conhecido como Zeca.

Os números foram diminuindo década após década. Terezinha Schmitt Richartz, ou apenas “Te”, é a décima segunda dos treze irmãos. Além dela, somente outros dois continuam na agricultura. Os demais trabalham atualmente em firmas, como empregados. “Te” está com 47 anos e completou o ensino médio recentemente através do supletivo. Não concluiu os estudos



Terezinha Schmitt Richartz durante a plantação de batata doce no bairro de Rio Farias

quando jovem, pois nenhum dos irmãos mais velhos estudaram; como regra, os mais novos também não poderiam. Pensamentos como esse somados aos 15 quilômetros que separavam a menina da escola impossibilitaram a realização do seu sonho.

Apesar de serem da mesma comunidade e de

se conhecerem de vista, Zeca e Te só tiveram o primeiro contato na Festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro vizinho, chamado Vila Doze. Era assim que os casais se formavam na época, em uma das sete festas católicas existentes no município. As comemorações aconteciam nos finais de semana, mas era na 'Domingueira' que os rapazes aproveitavam para dar aquela 'piscadinha' para a amada e convidá-la para dançar o xote *As Mocinhas da Cidade*, da dupla paranaense Nhô Belarmino & Nhá Gabriela. A 'Domingueira' é uma forma peculiar de nominar os bailes que aconteciam aos domingos à tarde.

Dois anos depois da primeira dança, no auge dos seus 25 anos, Terezinha casou-se com Zeca. Dessa vez a música que embalou os dois foi *Rosa Branca*, a valsa mais famosa na época dos compositores Getúlio de Camargo e Adilson de Souza. Com muito esforço, construíram a casa ao lado dos pais dele, seu Zé Anastácio e dona Terezinha, onde todos vivem até hoje. A residência nova à direita, porém, chama mais atenção. Os vidros, com películas na varanda principal, refletem a plantação de chuchu da família que fica logo a frente. A casa rosada pertence a Franklin, 24, o filho mais velho do casal, agora recém casado. As três construções da família Richartz ficam uma ao lado da outra, na esquina que divide o bairro de Rio Farias em 'de dentro' e 'de fora'. Quem passa por lá observa uma espécie de representação física dos herdeiros de Antônio Carlos. Logo uma nova casa será erguida ali novamente. Com apenas 22 anos, o jovem José Hygor pretende se unir em matrimônio com a menina Sabrina de 20 anos.

Os dois filhos de Zeca e Te sempre tiveram apoio para continuar os estudos. O boletim exemplar dos rapazes estampa as ótimas notas durante o colégio. Apesar do talento para as exatas, os irmãos não tinham a mesma vontade de estudar que a mãe quando jovem. Completaram o ensino médio graças a

insistência de Terezinha que, na esperança de dar uma vida mais tranquila para os filhos, ofereceu aos rapazes a possibilidade de cursar uma faculdade particular. Com pouco estudo, os pais de Franklin e José Hygor queriam garantir a eles um futuro com mais oportunidades, mesmo que para isso tivessem que sacrificar o trabalho e as economias da família. Ela e o marido não queriam que os dois tivessem o mesmo destino que todas as outras seis gerações da família.

— Na roça é sofrido! O sol está cada vez mais quente, o agrotóxico tem que ser cada vez mais, então a gente não queria isso para eles — desabafa a mãe dos rapazes.

Apesar do gosto pelo trabalho, a maioria dos pais agricultores não desejam que os filhos permaneçam na atividade. Isso é evidente, principalmente para quem, como Rose Gerber, acompanha os dilemas da juventude diariamente. Ela é coordenadora estadual do projeto com jovens rurais da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri).

— É a visão do sofrimento. Para o filho, no entanto, está claro que o que ele quer é ficar ali. Mas não tem jeito, o pai não aceita. A visão do pai é de não querer que o filho sofra o que ele sofreu. Mas na visão do filho não é sofrimento aquilo, é qualidade de vida.

Para além do sofrimento cuja dor é sentida dia-a-dia, existe um sentimento de orgulho gigantesco da família que vê os jovens Franklin e José Hygor dando continuidade ao negócio. Com as 'Terezinhas' por perto, os rapazes cresceram em um ambiente rodeado de afeto. A felicidade da família gira em torno dos dois. A casa pulsa com as suas conquistas, como a compra do primeiro carro de José Hygor, ao completar seus 18 anos, e a realização da casa própria, no

caso de Franklin, que ele mesmo construiu depois de seis anos de trabalho.

Filhos da professora

Para quem mora no interior, o barulhinho da cerca elétrica ligada é quase como um fundo musical. O aparelho central emite um estalo constante, pois é através dele que os pulsos elétricos são enviados. O som martelando uma nota aguda a cada segundo, acompanha o dia-a-dia de trabalho da maioria dos habitantes de Antônio Carlos.

— Tic, tic, tic, tic ...

A cerca elétrica é atualmente uma ferramenta comum entre os produtores rurais, pois é um método eficaz e barato para delimitar um espaço físico, principalmente para a criação de gado. A corrente de baixo valor serve como uma barreira ‘psicológica’ para os bois que, em muitas propriedades, ficam separados da plantação apenas por um fio. Ao encostar, o animal leva um susto e, por isso, tende a nunca mais pular a cerca. A sensação é de uma ‘agulhada’, como descrevem aqueles que já vivenciaram, por descuido, um choque na cerca elétrica. Esses estalos agudos, embora sejam mais comuns pelo interior, também podem ser ouvidos em alguns lugares no centro da cidade, como no galpão de Márcio Besen.

A maioria das ruas em torno da praça de Antônio Carlos é pavimentada, mas em uma delas o asfalto vai acabando aos poucos e dá espaço para a estrada de chão que leva até o galpão onde trabalham Marcinho, como é conhecido na região, e seu filho Breno. Os dois são muito parecidos: o andar meio engessado, o jeito rápido de falar e o gosto pelo café doce acompanhado de uma ‘chimia’ com melado. Até os nomes combinam e, sonoramente falando, formariam uma bela dupla sertaneja: Breno e Marcinho.

O pai tem 37 anos e, quando jovem, estudou no

antigo colégio particular da cidade, o famoso Cenequista. O uniforme cor 'beterraba' era o mais desejado pela juventude local, principalmente para aquela geração mais nova que viveu a febre da novela *Rebelde*. Afinal, quem nunca quis ser um pouco rebelde? No mesmo local já funcionou a Escola de Música Municipal e agora, recentemente reformado, o prédio abriga a Câmara de Vereadores de Antônio Carlos.

Filho de um agricultor e de uma professora, desde criança Marcinho acompanhava o pai na roça. Embora o trabalho pesado, o menino tinha gosto em mexer com a terra. A escola, no entanto, não o agradava. Talvez pela pressão de ter que ser o exemplo da turma, já que o filho da professora é sempre o mais cobrado. Mesmo contra vontade, concluiu os estudos por persistência dos pais, seu Pedro Besen, 63, e Marilandy Baungarten, 62. Quando jovem até chegou a trabalhar dois anos na maior empresa da cidade, a antiga Vompar, hoje Femsa. Para os antônio-carlenses, apenas a popular 'Fábrica da Coca-Cola'. Mas, em 2002, Márcio retornou para a roça, nos 3,2 hectares de terra que herdou de seus pais.

— Eu queria tentar uma coisa diferente pra saber se era melhor trabalhar de empregado. Mas não é, não! Daí eu voltei para a roça.

Márcio é casado com Jiane, professora de Matemática e atualmente diretora de um colégio em Biguaçu. O casal possui dois filhos, Breno, de 17 anos, e a pequena Ester, de cinco, que já sonha em ser dentista. Também filho de agricultor e professora, Breno decidiu se dedicar ao trabalho da roça, como seu pai. Ao contrário de Márcio, no entanto, o jovem desistiu dos estudos no ano passado. Estava no segundo ano do ensino médio em uma das melhores escolas públicas do estado, a E.B. Altamiro Guimarães. Apesar de preferir que o filho fizesse um curso superior, Márcio prezou pela liberdade de Breno nas suas escolhas. É como se o pai presenteasse o filho com algo

que ele não teve quando mais jovem. Ao contrário do que pensava, ao anunciar sua escolha, Breno recebeu ainda mais incentivo do pai para permanecer. A mãe, professora, estava um pouco inconformada com a decisão, mas se sentiu aliviada ao notar que o filho estava se tornando mais responsável. Atualmente, ele mesmo organiza seus horários de acordo com a necessidade do trabalho e do clima; assim, acordar depois das sete, de vez em quando, se torna uma tarefa possível.

O dia chuvoso daquela segunda-feira, 09 de setembro de 2019, permitiu que os dois comesçassem



Depois de desistir da escola, Breno Besen veste o uniforme escolar para trabalhar na roça.

o trabalho um pouco mais tarde. Eram quase nove da manhã quando o café chegou na mesa da casa de dona Izaltina Lúcia de Mattia, sogra de Marcinho. Cercada com um muro de arames e com anões no jardim, a residência de madeira fica praticamente colada ao galpão onde trabalham pai e filho. A senhora de 67 anos, merendeira aposentada, hoje é responsável apenas pelo café dos dois. Na varanda, à espera dos quitutes da avó, Breno aproveita para atualizar as redes sociais enquanto o pai, apressado, vai preparando a chimia. O silêncio não durou muito. Marcinho dava a primeira mordida no pão australiano com melado quando Breno exclamou:

— Eu não gosto de estudar!

— O café já está adoçado — interrompeu a avó enquanto colocava a garrafa térmica sobre a mesa.

— Eu também não gostava — respondeu

Marcinho. — Mas o pai disse que eu tinha que me formar no segundo grau e me formei — completou ele, acompanhado de um riso envergonhado.

Na cidade que mais produz hortaliças no estado - 150 mil toneladas por ano - trabalhar na roça e estudar são atividades completamente opostas. Culturalmente, é como se fosse impossível ou não necessário fazer as duas coisas. Ou você estuda para ser 'doutor' ou é agricultor.

Válvula de escape

Enquanto Márcio teve a experiência de trabalhar fora, Gilmar Flório Mannes, 57 anos, nunca teve outra profissão. Mesmo com um marcapasso e uma válvula metálica no coração, ele trabalha há pelo menos meio século na roça. O homem, de estatura baixa, mora com a família em Guiomar, na parte do bairro em que a rua principal ainda não é pavimentada. Depois de uma curva acentuada, no final da estradinha de terra, o portão, agora elétrico, dá acesso a casa amarelinha de Gilmar, construída ao lado de um gigante morro.

A fumaça que sai da chaminé da casa de Gilmar indica a existência de um fogão à lenha. Ao contrário do que se pensa, ainda é comum achar um desses nas residências pela cidade, inclusive nas recém construídas. Há alguns anos, essa era a única forma de cozinhar os alimentos e aquecer os dias frios do inverno. A eletricidade só chegou em Antônio Carlos por volta da década de 1970 e transformou a noite em extensão do dia. O trabalho, que antes era interrompido pela escuridão, agora segue noite adentro cortando e amarrando os verdinhos no rancho ou nas estufas, que agora também são iluminadas por lâmpadas e lanternas digitais. A luz de querosene virou peça de museu e fica apenas nas memórias daqueles que, como Gilmar, dependeram dela para se guiar.

A chaleira na chapa quando quente, chia alto um barulho irritante. Na casa do Má, como é conhecido na cidade, o costume passa no coador de pano o café, que logo enche a casa toda com cheiro de lar. O galo canta lá fora no poleiro avisando a família de cinco que o sol logo vai raiar. O pijama é substituído por moletom, camiseta, casaco e um boné com a propaganda de um dos pequenos supermercados da cidade. Um brinde comum que os comerciantes da região costumam presentear os agricultores. No fim do ano algumas das quatro agropecuárias da cidade até chegam a dar vinhos ou espumantes. Bebidas que não agradam tanto quanto um 'traguinho' de pinga antes do almoço. Costume comum entre os agricultores de Antônio Carlos.

A roça da família fica em uma propriedade logo abaixo da casa, uma planície que beira o Rio Biguaçu. Os cachorros correm livres durante todo o dia, são os xodós de Má. Amora, Dora, Dindinha e Bob fazem companhia e divertem a família entre um trabalho e outro. Gilmar é casado há 28 anos com uma mulher também chamada Terezinha e juntos tiveram três filhos, Guilherme, Geiza e Gislaine. Os jovens, todos loiros de olhos azuis, trabalham na roça atualmente.

O ingresso em uma universidade era um dos sonhos das meninas de Gilmar. Aos 19 e 20 anos, Geiza e Gislaine começavam a realizar. Com a nota do Exames Nacional do Ensino Médio (Enem) conseguiram desconto em uma faculdade particular, onde escolheram os cursos de Nutrição e Fisioterapia, respectivamente. Para pagar as mensalidades, as duas continuaram ajudando a família na roça. Morando em Antônio Carlos, dependiam totalmente de transporte coletivo. As duas horas de ônibus por dia e o trânsito que enfrentavam eram duríssimas para quem havia crescido livre. Depois de cinco anos intensos, as irmãs colaram grau em duas cerimônias para ninguém botar defeito. Mais recentemente, em

março de 2019, Gislaine ainda participou de um baile de formatura. Vestida de vermelho a jovem brilhava na pista ao dançar a tradicional valsa com o pai. Foi o dia mais feliz da sua vida.

Apesar dos currículos exemplares, Geiza e Gislaine encontram dificuldades para exercer efetivamente suas profissões. A exigência de experiência, a falta de vagas de emprego e a baixa remuneração dos recém formados, fizeram com que as duas optassem, mesmo que temporariamente, pela agricultura. Na corrida do mercado de trabalho, a roça acaba sendo, muitas vezes, mais que uma escolha, uma válvula de escape para os jovens antônio-carlenses.

— A gente busca estudo para não sofrer tanto para ganhar nosso dinheiro. Porque a gente sabe que [na roça] vai trabalhar direto e é sofrido. A gente cansa todo dia. Todo dia é uma batalha! — disse Gislaine.

Há aqueles que estão temporariamente como agricultores, como as irmãs Geiza e Gislaine, outros que escolheram a agricultura como um negócio para a vida, como os irmãos Franklin e José Hygor. Há quem tenha gosto pelos estudos e outros que preferiram abandonar, como Breno. A juventude rural de Antônio Carlos é atravessada por dilemas que, direta ou indiretamente, influenciam nas suas escolhas. Na busca por uma resposta, os jovens do município pensam em alternativas enquanto esperam inquietos por olhares mais esperançosos para os vales que habitam.

“Se o colono não planta a cidade não janta”

Josiane Lopes, 29 anos, saiu tranquila pela varanda. A casa verde de madeira não se destaca entre a mata do bairro de Rio Farias, em Antônio Carlos. O cavalo branco, o Pé de Pano, chama atenção na entrada que dá acesso à pequena residência onde ela e o marido, Ricardo Lopes, 31 anos, moram há quase um ano. Nas paredes de cortiça, alguns quadros que brincam com as formas e cores das linhas de crochê. A sala, que também é quarto, é o lugar onde o casal se senta para conversar e planejar os próximos passos do negócio.

Observada por Ricardo, Josiane anota atentamente os pedidos da semana que chegam pelo *WhatsApp*, ao mesmo tempo em que o homem bebe seu bom e velho chimarrão. Filhos de agricultores, Josiane e Ricardo chegaram a assumir os negócios da família no Rio Grande do Sul. Juntamente com os pais, plantaram fumo durante dois anos. O uso intensivo de agrotóxicos que essa cultura exige e as incertezas da produção, no entanto, fizeram o casal gaúcho abandonar a propriedade na cidade de Santa Cruz do Sul. O estopim da mudança de vida foi quando uma trovoada de pedra acabou com toda a plantação a qual a família havia tanto se dedicado. O episódio fez Josiane e Ricardo saírem do campo.

Impulsionados pelos pais para ‘serem alguém na vida, o casal se fixou próximo da capital Porto Alegre.

“Tú tá em pé aí porque? Porque alguém produziu tua comida, né querido!”

Para se manter, Josiane trabalhava durante o dia no setor de manutenção de uma empresa e fazia faculdade de Engenharia de Produção à noite. Ricardo também chegou a cursar algumas faculdades, Geologia e Engenharia Ambiental, mas não conseguiu concluir. Sua rotina intensa de trabalho atrapalhava os estudos. Na fábrica de siderurgia em que ele era empregado, Ricardo girava turno, trabalhava quatro dias inteiros e em seguida quatro noites. O salário, entretanto, compensava toda a loucura que era o seu dia-a-dia. Era o que pensava na época e o que fez permanecer assim durante seis anos.

Mas, ao longo do tempo, os dois perceberam que já não eram mais um casal, e sim pessoas que moravam junto e dividiam as contas. Não se viam mais durante os dias, nem aos fins de semana. Estavam vivendo para trabalhar. As dores intensas no corpo incomodavam Ricardo, o estresse invadia seu dia-a-dia e as doenças eram cada vez mais frequentes. Josiane também não suportava aquela situação e pouco tempo depois foi diagnosticada com enxaqueca severa. Os remédios começaram a fazer parte do cotidiano dos dois. A dor da infelicidade, no entanto, não tem cura e era assim que eles se sentiam. Cansados de tudo isso, decidiram dar fim ao sentimento que os sufocava dentro daquele apartamento de 50 m². Sem nenhum resquício de saudade, Ricardo lembra dos motivos que o fizeram abandonar a cidade.

— Bah, vai desde a água né, aquela água podre! Vai pesquisar o que o cloro causa no teu corpo — falou ele em tom de repulsa ao lembrar do gosto.

O desejo de, novamente, largar tudo e partir para o desconhecido, porém, os preocupava. De fato, os efeitos daquela decisão seriam sentidos por muito tempo. O drama do casal se estendeu para os próprios familiares que não compreendiam as queixas de Ricardo e Josiane. Afinal, por que dois jovens vivendo na cidade com empregos e salários

bons poderiam reclamar? Apesar do medo e da falta de apoio dos pais, começaram a planejar no final de 2018 uma viagem de seis meses para diversas cidades da região sul, onde pretendiam sobreviver trabalhando como voluntários em projetos pré selecionados por eles. O primeiro trabalho voluntário confirmado foi justamente em Antônio Carlos, na “aldeia das argentinas”, que é como a população nativa chama a Ecovilla Florestal, iniciativa voltada para a sustentabilidade e desenvolvimento dentro de uma residência rural, e que é gerenciada por mulheres vindas da Argentina. Josiane e Ricardo iriam passar sete dias na ecovila, mas, a greve dos caminhoneiros, em junho de 2018, os impediu de seguir para Imbituba, onde trabalhariam na construção de uma casa. Devido a falta de gasolina, os sete dias de estadia anteriormente planejados, se estenderam para quinze.

Durante a espera pelo término da greve, Josiane e Ricardo acompanharam as atividades da aldeia, uma delas era tratar um cavalinho ali por perto. Foi assim que o casal conheceu o famoso Pé de Pano e o sítio, que até então estava abandonado. O capim entrando pelas janelas da casa não impediu que o casal enxergasse ali a oportunidade de replantar o sonho que havia morrido junto com as plantas de fumo na tempestade de pedras. Logo após o término da bioconstrução em Imbituba, Josiane e Ricardo alugaram a propriedade que haviam encontrado em Antônio Carlos, no bairro Rio Farias. Já reformada, a residência se encheu de vida. O fogão agora queima lenha dia e noite, o capim já não toma conta do terreno e o cavalinho ganhou amor e companhia. Na parte de trás da casa, a terra foi organizada em canteiros que foram se transformando em uma espécie de laboratório, onde o casal coloca em prática os aprendizados que trazem de cursos e implementa novidades encontradas nas pesquisas na internet.

Nos primeiros meses Josiane e Ricardo plantavam apenas para consumo próprio. O medo e as incertezas que marcaram o trabalho com o fumo, impediram que o casal investisse no negócio que há tanto tempo sonhavam: os orgânicos. Enquanto Ricardo trabalhava em uma pequena empresa de brotos e cogumelos, Josiane permanecia no sítio na companhia de Pé de Pano. Aproveitava o tempo para cuidar da horta e para fazer, ela mesma, o adubo, chamado Bokashi. O marido até cogitou continuar trabalhando no local, mas ela insistiu que aquela situação não



Os gaúchos Josiane e Ricardo investiram na produção orgânica no sítio em Antônio Carlos

fazia sentido. Os dois não teriam largado tudo para trabalhar novamente como empregados. Ricardo então se demitiu para se dedicar com Josiane em um projeto para alavancar o negócio. Depois de todo um processo burocrático, incluindo vistorias, o casal conseguiu emitir em julho de 2019 o Certificado de Orgânico, documento obriga-

tório para comercializar a produção.

Apesar de ser um ramo da agricultura com forte crescimento, a produção orgânica ainda sofre com a desconfiança dos consumidores. O casal sentiu isso principalmente durante as feiras que faziam no Campeche, em Florianópolis. Mesmo com a documentação à mostra, as pessoas questionavam se aqueles produtos realmente eram orgânicos.

— Ah não sei se isso aqui é orgânico, a alface está muito grande — exclamou uma senhora enquanto avaliava os produtos expostos na barraca do casal.

— Claro, o orgânico é feio sempre! — resmungou Josiane em pensamento.

Depois de um dia inteiro de feira, o casal ainda precisava jogar fora os produtos que não tinham sido vendidos, fato considerado absurdo por Josiane e que a entristecia. A jovem teve que reaprender a lidar com as injustiças que a roça e o comércio podem gerar. Diante daquela situação de desperdício e vivendo quase sem lucro nenhum, o casal optou por vender suas produções em cestas personalizadas. Tudo começou com alguns amigos, e agora já são cerca de vinte encomendas por semana. O cliente faz o pedido conforme sua preferência e Josiane e Ricardo entregam na porta de casa. O negócio vem dando tão certo que recentemente o casal investiu na ampliação da propriedade para diversificar a plantação.

Ricardo já estava na segunda cuia de chimarrão quando Josiane terminou de preencher os pedidos que chegaram no *WhatsApp*. Era uma segunda-feira nublada e ainda muito molhada, resultado de uma semana chuvosa. O dia estava um pouco escuro demais para ser dia, é verdade, mas isso não impedia o trabalho do casal. Com botas nos pés, Josiane e Ricardo começavam mais uma plantação.

Os dois têm muito orgulho de serem agricultores e de tudo que já construíram no sítio, agora já batizado de Terra Dourada. No entanto, as pessoas têm um certo bloqueio em entender as suas escolhas. Participando de um encontro sobre abelhas em Canelinha (SC), os dois ficaram intrigados com os comentários que ouviram.

— Mas o que que um casal novo quer fazer na roça? — questionou em tom de ironia um dos colegas participantes do evento.

Josiane não conseguiu esconder sua inquietação e, com os olhos um pouco arregalados respondeu:

— Ué, vocês tão mandando os filhos de vocês pra cidade. Alguém vai ter que ficar na roça né!

Ao lado da esposa, Ricardo voltou ao passado ao escutar aquele enunciado. Seus pais também não entendiam porque ele tinha voltado para a agricultura e repetiam para ele a mesma pergunta.

— O médico precisa comer, o advogado precisa comer... — desabafou Ricardo, quando seu raciocínio foi interrompido por Josiane.

— Se o médico não tiver alimentado, ele não consegue fazer uma cirurgia. E quem é que leva o alimento e quem é que planta o alimento para o médico? E, inclusive, é comprovado que a maior medicina é o teu alimento — disse ela que, inquieta, rebateu com mais um questionamento. — Tu tá em pé aí porque? Porque alguém produziu a tua comida, né querido!

Josiane sentia-se indignada com o que acabara de vivenciar e a constatação de que as pessoas não tinham a noção exata da importância do trabalho dos agricultores o fez refletir nos dias seguintes. A frase mais famosa da cidade nunca fez tanto sentido para ela como naquele momento: “Se o colono não planta a cidade não janta”.

O ditado, falado em alto e bom som pelo povo antônio-carlense, representa o sentimento da população rural em relação à desvalorização da sua profissão. Estampado em faixas no evento mais famoso da cidade, a Festa do Colono, o dizer reforça para os próprios agricultores a importância do seu trabalho. A falta de reconhecimento pela sociedade em geral faz com que a frase se repita em praticamente todas as conversas, seja entre produtores ou estudiosos da área, como Célio Haverroth, extensionista da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri).

O Engenheiro Agrônomo trabalha na Epagri há 25 anos e atualmente é responsável por programas da área ambiental. Seu local de trabalho é no campo, conversando com os agricultores enquanto a sede no Itacorubi é um ponto de referência para desen-

volver os estudos e reunir equipes de planejamento e articulação. O prédio nem é tão grande assim, mas as inúmeras salas divididas com PVC cor pastel formam corredores a se perder de vista. Fica difícil encontrar alguma coisa depois de subir os degraus da escada oval no térreo. A simpatia e disponibilidade do pesquisador, no entanto, preenche aquele espaço com um colorido necessário. A frase que os colonos de Antônio Carlos repetem abre uma discussão importante que, para Célio, vai além do fato de a ‘cidade não jantar’. Depois de tantos anos de trabalho, o pesquisador entende a agricultura familiar como uma peça fundamental na engrenagem econômica do Estado de Santa Catarina, já que é capaz de gerar diversidade. E essa característica está diretamente ligada ao número de pessoas em atividades agrícolas. Menos agricultores significa menor diversidade de atividades, o que preocupa Célio.

— Isso fragiliza a economia. Uma economia quanto mais diversificada, mais ampla, ela tem maior segurança.

Com seu tom de voz grave, o pesquisador ainda faz questão de destacar que 30% do Produto Interno Bruto (PIB) de Santa Catarina vem da produção agrícola e a maioria dos negócios do estado giram em torno da agricultura. Para Célio, a continuidade da agricultura familiar para o estado é uma questão de “sobrevivência econômica”, pois é a diversidade desse modelo de negócio que permite a consolidação da economia catarinense.

A importância da agricultura familiar e a falta de um olhar atento para o meio rural é tema constante nas conversas entre Josiane e Ricardo no Sítio Terra Dourada. Se o campo é o provedor de alimentos para a cidade, o campo é também a casa de milhões de brasileiros.

Os orgânicos que o casal produz e comercializa exigem constante atenção e uma rotina bem orga-

nizada durante a semana. Além disso, como a propriedade é pequena e o negócio é recente, os dois agricultores complementam as cestas dos clientes com verduras de outra família produtora da cidade: os Rodrigues que, há vinte anos, trabalham sem uso de agrotóxicos. Josiane e Ricardo são muito ligados à família que os recebeu tão bem desde o início e que até hoje atendem com carinho todas as suas inquietações. Assim como o casal gaúcho e a família Rodrigues, cerca de 15 agricultores de Antônio Carlos se dedicam à produção orgânica atualmente, segundo dados da Epagri repassados pela Cassielly Mendes, da sede da empresa no município.

Sabendo trabalhar

Diferentemente dos familiares de Josiane e Ricardo, que não aceitaram a volta do casal para a agricultura, para os pais de Pedro não foi surpresa quando o jovem decidiu continuar na roça. Filho único de Rosmere Besen, 53, e Francisco Rodrigues, 56, o jovem de 24 anos agora está à frente do negócio da família. Em uma das ruas sem nome do bairro de Guiomar de Baixo, os três se dividem nas tarefas, entre plantar, colher e cuidar da pequena criação de gado e aves. A propriedade não é muito extensa, dois hectares, mas o trabalho é pesado para aqueles que, como eles, optaram pela produção de orgânicos. As ervas, que crescem mais que as plantas no fim do inverno e início da primavera, tomam a maior parte do tempo dos agricultores que precisam fazer a capinação de forma manual, praticamente sem nenhum auxílio de produtos tóxicos. A força na enxada e os três defensivos biodegradáveis permitidos são os únicos meios de manter o terreno limpo e livre de pragas.

Enfileiradas na maior parte do terreno, às 13 estufas faziam jus ao nome naquela tarde de sol. O corpo parecia cozinhar debaixo das lonas brancas de



plástico. Para as plantas, no entanto, o ambiente é perfeito: luz, calor e, de tempos em tempos, água, que chega através das mangueiras espalhadas pelos canteiros. Há três anos a família decidiu investir na compra das coberturas que protegem as plantas de eventos climáticos. Andando pelo estradinha que dá acesso aos túneis, Pedro tem orgulho de mostrar as plantações de alface, rúcula, salsa, couve, cebola e espinafre. O investimento deu tão certo que, no início de 2019, foram erguidas seis novas estufas. Com financiamento a juros zero, Pedro terá oito anos para pagar o montante de R\$ 35 mil reais. Essa possibilidade é ofertada aos agricultores pelos dois bancos da cidade através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), um dos incentivos do governo que mais chega até os produtores rurais de Antônio Carlos. Para quem começou do zero, como Josiane e Ricardo, no entanto, políticas públicas como essas ainda ficam bem distantes da sua realidade.

— Para eu ter acesso ao financiamento é necessário movimentação de nota que exige também posse de equipamentos. Para eu ter equipamentos eu preciso de financiamento. Então é um ciclo. Como

Pedro Rodrigues em uma das 13 estufas na propriedade da família no bairro de Guiomar

que a gente vai produzir sem ter um arranque? — questiona Josiane após beber um gole do chimarrão do marido.

— Lá fora, em países mais desenvolvidos o governo ajuda o agricultor — destacou Ricardo que acompanhava atentamente a reflexão da esposa.

— Eles até pagam um salário para o agricultor! — completou ela.

— Pra mim é isso. Falta incentivo do poder maior — declarou ele.

Mesmo sem financiamento, Josiane e Ricardo conseguiram construir recentemente sua primeira estufa. Com ajuda da família Rodrigues, que vendeu o plástico e a madeira por um preço inferior, o casal agora pode experimentar o cultivo protegido.

Depois de uma semana chuvosa, o sol voltou a raiar entre os verdes vales. O termômetro da Praça Anchieta, no centro da cidade, marcava 30°C em pleno inverno, início de setembro de 2019. A previsão do tempo já havia adiantado anteriormente sobre as chuvas e o jornal de sábado avisou sobre uma onda de calor que invadiria as cidades do litoral catarinense. Por isso, a família de Pedro acordou mais cedo naquela segunda-feira, pois, em dias assim, o trabalho debaixo das estufas é completamente irrealizável depois das dez da manhã.

Ao meio dia os verdinhos já estavam prontos, eram 700 molhos empacotados em saquinhos de plástico — o que pode parecer contraditório para quem consome orgânico. Os pacotes são uma nova exigência do mercado que não aceita os molhinhos amarrados com fio plástico, como era há cerca de dez anos. Para os agricultores, como a família Rodrigues, isso é mais um custo que, ao invés de facilitar, só atrasa o rendimento do trabalho. No rancho ao lado da casa, o cachorrinho Pirulito é quem faz companhia para Chico, Rosmere e sua mãe dona Irma,

que conversam após o almoço. Pedro, no entanto, precisa adiantar o serviço para a entrega. Na carroceria da sua recém adquirida Saveiro branca, o rapaz empilha as caixas de hortaliças que, em sua grande maioria, abastecem a merenda de toda a rede escolar de Biguaçu. Há três anos os Rodrigues fazem parte de uma rede de fornecedores que, através da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), podem comercializar até R\$ 20 mil reais em produtos. Desde 2015 a Prefeitura de Biguaçu cumpre uma lei federal que prevê 30% das verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para aquisição de alimentos da agricultura familiar. Na região sul, 53% das cidades usam essa produção na merenda de seus alunos.

Quando a família decidiu mudar para a produção orgânica, há cerca de vinte anos, Pedro era ainda um bebê. Rosmere queria se distanciar dos agrotóxicos que tanto teve contato nas plantações de soja quando morava no Paraná. Talvez fosse uma forma de proteger o filho. O preço, um pouco mais elevado comparando com os produtos tradicionais, e a abertura de um novo nicho de mercado também atraíram os olhares do casal, que foram um dos primeiros agricultores de Antônio Carlos a investir neste tipo de negócio. Acostumados a trabalhar com a agricultura tradicional, Rosmere e Chico tiveram que se adaptar com a nova maneira de cultivar. Hoje, além da família Rodrigues, outros três vizinhos se dedicam aos orgânicos, o que possibilita a continuidade da produção, já que é necessário que cerca de três mil metros ao entorno da propriedade não tenha contato com agrotóxicos. Legalmente falando, esse é um dos itens obrigatórios para que um produtor consiga retirar o Certificado de Orgânico. Atualmente a família possui dois, das redes *Ecovida* e *Ecocert*, que são anualmente renovados através de vistorias. Os

técnicos especializados chegam de surpresa e conferem se o agricultor vem seguindo o projeto apresentado, além de uma análise laboratorial a que cada produto é submetido.

Apesar da burocracia incomodar o casal, pois torna o negócio menos flexível, o filho Pedro tem gosto por acompanhar todas as etapas do negócio. A prova disso é que ele dedica uma hora por noite para atualizar o Caderno de Campo, uma espécie de diário da roça, onde o jovem anota cada procedimento realizado na propriedade.

— Ah, sabendo trabalhar ... — disse Pedro, organizando as caixas na carroceria da Saveiro. — Porque daí tem o controle do que tem e do que faz e isso é bom, é bom!

O olhar dos pais e da avó acompanha as movimentações de Pedro ao organizar as caixas na Saveiro. Ver o rapaz se dedicando à atividade que ultrapassa gerações instiga a reflexão da família sobre o papel fundamental do agricultor para a sociedade.

— Se não fosse nós a cidade não comia, não é verdade?! — exclama dona Rosmere sentada ao lado da mãe.

— Se o colono não planta, a cidade não janta — complementou dona Irma, enquanto rolava o feed do seu perfil no *Facebook*.

O *smartphone* é coisa recente na vida da senhora de 72 anos. Agricultora aposentada através do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Antônio Carlos, dona Irma agora aproveita o tempo para acompanhar as novidades pela internet e participar dos encontros do Apostolado da Oração na Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus. Recentemente foi convidada para fazer um curso para Ministra da Eucaristia, o que a deixou feliz e realizada. Depois de anos dedicados ao trabalho da roça, finalmente ela tem tempo para si. Por ser muito dinâmica, a agricultura,

especialmente a olericultura (produção de hortaliças), exige constante atenção e, por isso, os agricultores nunca tiram férias. A vida gira em torno das necessidades da roça. Para os mais velhos isso nunca foi um problema, mas a juventude rural de Antônio Carlos tem colocado em pauta questões como essa na hora de decidir: ficar ou partir?

Quem fica, quem sai e quem volta

— **A** caneta é mais leve que a enxada!

A frase dita pelo pai marcou todo o período da adolescência de Matheus Besen, 24 anos. Filho de agricultores, ele sempre ajudou os pais desde pequeno e, durante o trabalho, escutava conselhos de como ser alguém na vida. Quando criança tudo era brincadeira, corria para um lado, carregava uma caixa para o outro. O mais velho de três irmãos, gostava da lida e do sentimento de dever cumprido no final do dia ao ver uma roça capinada e livre do ‘mato’, por exemplo.

Antes das seis da manhã o rapaz já estava na roça com a família para ajudar a cortar as alfaves que seriam entregues pelo pai ao meio dia. Avisado pela mãe, Matheus voltava para a casa às sete horas para se arrumar e seguir para a escola. O fato de ficar em casa enquanto os pais trabalhavam o incomodava, por isso, quando terminava seus afazeres escolares, voltava para ajudar. Foi assim durante todo o período do ensino médio. O meio rural, no entanto, não seduziu o filho de Claudemir Besen, 49, e Rosemary Besen, 45. O desejo de ser alguém na vida era tão grande que, no momento em que teve a oportunidade de entrar em uma faculdade, Matheus nem questionou se era aquilo que queria. Como os conselhos giravam em torno de frases de efeito, baseadas no senso comum de que ‘se não estudar, tu não

vai ser ninguém’, o jovem apenas seguiu o caminho que todos apontavam: cursar Administração. Quando se deu conta, porém, estava diante de um curso que não se identificava e de uma realidade que o entristecia.

— Eu ouvia tanto “sai da roça, sai da roça” que isso acabou me influenciando em uma parte da minha vida — relembra Matheus.

Frustrado, o jovem não conseguiu pensar em outra solução para aquele problema, apenas seguiu os conselhos dos pais que, naquele momento, preferiam que o filho continuasse os estudos. Ao prestar vestibular para Farmácia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), não tinha noção do que poderia encontrar. Escolheu o curso apenas porque era sua segunda e última opção, ele não conseguia pensar em outras possibilidades, a não ser aquelas que já havia planejado e cuja realização parecia cada vez mais distante. Ao olhar a lista de aprovados, Matheus parecia não acreditar no que seus olhos lhe mostravam. Era como se estivesse sonhando, embora soubesse que tudo era real. Apesar de confuso, o dia em que soube da sua aprovação na UFSC foi um dos mais importantes da vida. Naquele momento acreditava que aquele passo seria o início de uma longa caminhada. Seus pais também achavam.

Era preciso coragem para estudar, além dos conteúdos complexos, o jovem precisava enfrentar uma rotina intensa. Morando junto dos pais, em Antônio Carlos, Matheus acordava às cinco para conseguir chegar nas aulas que começavam às oito. Via o amanhecer na janela embaçada da linha 10500 que o levava até o centro de Florianópolis, onde embarcava no segundo ônibus do dia, o UFSC Semi Direto. Fazia o caminho inverso à noite, chegando em casa, muitas vezes, só depois das dez. O cansaço se misturou com o sentimento de insatisfação com o curso e com

o caminho que havia escolhido. Estava no quarto semestre quando desistiu de continuar a graduação. Seria preciso superar, mais uma vez, o sentimento de culpa e enfrentar o julgamento dos que conviviam a sua volta. No entanto, os pais, Nerinho e Rosa, como são conhecidos na cidade, deram ainda mais apoio ao filho, mesmo não entendendo os motivos que Matheus insistia em explicar. Talvez era uma forma do jovem enumerar para si mesmo o que o fizera largar do sonho da adolescência. As reflexões mentais que o perseguiam à noite fizeram Matheus lembrar de um outro desejo, morar fora do Brasil, mas isso era completamente inimaginável naquele momento.

A angústia de não saber para onde seguir se tornou quase insignificante diante da fase especial que estava passando. Matheus estava apaixonado e tinha engatado um namoro com um jovem de 28 anos. O relacionamento trouxe oxigênio para as reflexões noturnas, que, em 2018, resultou na decisão oficial de sair do país e morar em Portugal. A realização deste sonho, no entanto, exigiria ainda mais esforço e dedicação de Matheus e de seu namorado, que compartilhava do mesmo desejo. Enquanto seu companheiro guardava parte do salário que recebia no salão de beleza onde era empregado, o filho mais velho de Nerinho resolveu trabalhar na roça com a família. Durante um ano o rapaz se dedicou em tempo integral à agricultura. Neste período Matheus relembrou os prós e os contras que a lida da roça pode proporcionar. A liberdade e a autonomia, por exemplo, foram questões que sempre agradaram o jovem. Esses são os fatores mais comentados entre a juventude rural de Antônio Carlos. O fato de você ser o próprio patrão e fazer o próprio horário, possibilita que os produtores se organizem para seus compromissos sem grandes impactos no negócio, diferentemente de uma empresa formal, por exemplo.

— A qualidade de vida, a liberdade de poder fazer o que quer no momento que ele quer. Na roça, o jovem tem autonomia do seu tempo — ressalta a Coordenadora Regional do trabalho com jovens rurais da Epagri, Ivanda Masson.

Ivanda trabalha há 35 anos na Epagri, nove deles dedicados ao projeto que oferece cursos capacitantes aos jovens rurais, sendo ela responsável pela gestão das turmas da Grande Florianópolis, o que inclui a cidade de Antônio Carlos. Segundo a coordenadora, o jovem de hoje tem pensado mais antes de tomar a decisão entre ficar ou partir, principalmente por observar a falta de emprego nos espaços urbanos e os salários que estão muito aquém do que os agricultores estão acostumados. Esses motivos são listados pelos jovens durante as aulas que ela ministra mensalmente, mas também estão presentes na fala da Engenheira Agrônoma, Rosilda Feltrin, responsável pela sede da Epagri no município dos verdes vales.

— Vai fazer uma faculdade de Direito, por exemplo. Daí o cara vai trabalhar no escritório como empregado e vai ganhar mil e quinhentos reais e olhe lá. Tem filho aqui que ganha mil e quinhentos por semana!

De fato, embora seja um trabalho sofrido, na opinião dos agricultores a roça traz um retorno financeiro mais rápido em comparação com os longos anos de estudo. Para Matheus, no entanto, esses pontos positivos não foram motivos fortes o suficiente que o fizessem permanecer.

— Eu gostava do serviço em algumas partes, mas o fato de ir para o sol, carregar coisas pesadas, eu não gostava. Embora financeiramente era bom, eu ganhava bem na roça, mas é mais uma questão pessoal de eu não querer aquilo para a minha vida. Eu quis buscar outras coisas — relata o jovem.

A escolha de Matheus é um reflexo da interação social maior dos jovens atualmente, como explica Célio Haverroth, pesquisador da Epagri. O próprio processo educacional, a maior facilidade de acesso ao ensino somados à internet e as redes sociais fazem com que filhos e filhas de agricultores pensem mais sobre a escolha da profissão.

— Como antes a relação social dele era com a família, com os vizinhos e com o meio rural, existia muito mais probabilidade dele escolher a profissão de agricultor. Hoje, como ele tem uma interação social maior, isso já o leva a conhecer outras profissões e outras possibilidades e já fazer outras escolhas também — explica o pesquisador.

“Igual a Andorinha, eu parti sonhando”

— Eu sentia que não tinha independência, eu não tinha autonomia. Eu estava morando com os pais, trabalhando com os pais, tudo era com a família. Eu queria mais liberdade nesse sentido — ressalta Matheus, durante entrevista via *WhatsApp* em setembro de 2019, três meses depois de partir.

Portugal foi o país escolhido para ser seu lar pelos próximos anos. Não só pela língua, mas o fato de ser o quarto país mais seguro no mundo, com uma economia sólida e boa qualidade de infraestruturas fizeram com que o casal, Matheus e Gê Palagani, se mudasse para a ‘Terrinha’ de mala e cuia. Além disso, o país é como uma porta de entrada para o espaço europeu, o que é muito interessante para Matheus, já que o jovem conseguiu recentemente a cidadania luxemburguesa, pois seu quinto avô, Petrus Koch, nasceu antes de 1900 em Luxemburgo, um pequeno país localizado entre a França, Bélgica e Alemanha. Através de uma lei, que perdeu a validade em 2018, foi possível realizar o resgate de nacionalidade.

No dia seguinte da viagem do filho, 17 de junho de 2019, Rosa sentiu a falta de um terço do coração,

mas o vazio foi sendo preenchido nas semanas seguintes através dos relatos de felicidade de Matheus. A internet ajuda a encurtar a distância do primogênito. Além do mais, apenas dois meses separam o abraço de mãe e filho. Rosa e o marido estão com passagens compradas para ver o filho, conhecer a Europa e assinar a segunda fase da recuperação de cidadania, processo que os dois também participaram. A viagem tem deixado a família ansiosa e movimentado ainda mais a rotina com os preparativos. Novembro de 2019 ficará marcado para sempre em suas memórias como o mês do reencontro com Matheus e a primeira viagem à Europa.

Tal pai, tal filho

Assim como o irmão Matheus, desde criança Felipe Besen acompanhava o pai nos trabalhos da roça, mas somente aos 15 anos o jovem começou a tomar gosto pela lida. Primeiro veio a vontade de dirigir a tobata pela propriedade de quatro hectares dividida entre o centro de Antônio Carlos e o bairro de Guio-mar de Dentro. O pai, cauteloso, acompanhava de perto as primeiras arrancadas. Seis anos depois, o filho do meio de Nerinho e Rosa assume agora o controle do trator que leva mais de cinquenta caixas de alface até o ranchinho perto de casa.

Atualmente, com 21 anos, o jovem decidiu permanecer na roça. A escolha veio depois da desistência da graduação em Educação Física. Assim como o irmão Matheus, Felipe não se sentia realizado cursando o ensino superior. Coincidência ou não, os dois irmãos desistiram da faculdade na mesma semana, em março de 2018. Desde então nunca mais voltaram para uma sala de aula. Embora os seis profissionais da Epagri entrevistados relatam que a juventude rural tem buscado por formação profissional, para a maior parte da população antônio-carlense o jovem tem duas alternativas: estudar ou



Felipe e Nerinho acordam antes das seis para colher as alfaces na propriedade no centro da Capital Catarinense das Hortaliças

trabalhar na roça. Que há muitos jovens estudando é verdade, os dados mais recentes fornecidos pela Epagri, de 2010, mostram que 53% dos jovens de Antônio Carlos entre 18 e 20 anos tem ensino médio completo, em 1991 esse número era de apenas 8%. Mas aquele jovem que quer continuar na roça normalmente desiste dos estudos ainda no colégio ou não continua depois de se formar no terceiro, justamente por conta dessa bifurcação entre ficar ou partir. Quando Felipe abandonou a faculdade viu-se nessa encruzilhada. Ainda sem rumo, o rapaz enxergou na agricultura uma alternativa, mesmo que fosse de forma temporária.

Os primeiros meses foram os mais difíceis. Embora estivesse acostumado com o trabalho, Felipe não conseguia sentir-se confortável, principalmente porque algumas pessoas insistiam pela seu retorno à faculdade. Nesse momento, o apoio de Nerinho foi fundamental para o rapaz, pois além de toda a pressão social, o jovem estava desorientado e indeciso. O pai entendia bem aquela situação, pois o fez lembrar das dúvidas que o inquietavam na juventude. Por isso, embora não tivesse imaginado aquele futuro

para o filho, Nerinho decidiu incentivá-lo a ficar.

— A gente tem um pouco disso no sangue — disse Nerinho, ao falar da agricultura e do quão bom é trabalhar com a terra.

Ouvindo a conversa, Felipe parou de cortar os pés de alface por um instante para deixar claro que compartilha da mesma opinião do pai.

— Tal pai, tal filho né!

Para Felipe, o incentivo de Nerinho foi crucial na sua decisão e, tratando-se do futuro da agricultura familiar, a influência dos pais sobre os filhos se torna uma questão muito importante. Segundo estudos realizados pelo pesquisador aposentado da Epagri, Milton Silvestro, a maioria dos pais atualmente não incentiva seus filhos a permanecer na roça.

— É preciso acreditar que vale a pena ser agricultor, senão o estímulo vai ser ao contrário — ressalta Silvestro.

Mas como acreditar que realmente vale a pena quando da janela de casa se vê a chuva acabar com toda a plantação? E na mente passa a imagem daquela roça de alface que estava pronta para colher. O que se faz nesses momentos? Nerinho resume em uma frase:

— Perde né! Não tem o que fazer, a agricultura é assim mesmo.

O clima é fator determinante para os agricultores que precisam conviver com a incertezas e se adequar com as estações e com o mercado, que exige cada vez mais produtos de qualidade.

“As andorinhas voltaram”

O ‘voo’ de Matheus para Portugal e a decisão do irmão Felipe de permanecer no ‘ninho’ representam visões diferentes de uma mesma realidade. Embora tenham tomado caminhos opostos, os dois filhos de Nerinho concordam que a decisão de ficar ou a de

partir não deve ser encarada como algo definitivo. Assim pensam também Josiane e Ricardo, o casal que voltou 'batendo suas asas com grande dor', como diz a música "As andorinhas voltaram", de Alcino Alves, consagrada na voz do grupo Trio Parada Dura, clássica da moda sertaneja.

Depois de passar o início da manhã anotando os pedidos da semana, Josiane e Ricardo seguiram para a roça que fica logo atrás da casa. De frente para os canteiros preparados anteriormente, a jovem agricultora pega o regador de água para molhar as bandejas de couve folha e passa a manga do casaco rosado sobre a testa molhada de suor. Do seu lado, o marido prepara o equipamento que auxilia na plantação das mudinhas.

Quando o casal decidiu sair do Rio Grande do Sul, trocar a cidade pelo interior de Antônio Carlos, foi uma surpresa para os seus conhecidos. A família achava um equívoco largar emprego e faculdade, mas acabou aceitando as explicações de Josiane e Ricardo. Eles queriam provar que a agricultura não oferecia nada de bom, apenas sofrimento e cansaço. A experiência ruim com a roça talvez os deixasse preocupados com o futuro dos jovens.

O pesquisador da Epagri, Milton Silvestro, estuda há muito tempo as problemáticas que envolvem a juventude rural, especialmente aquelas diretamente relacionadas à sucessão familiar na agricultura. Morando em Chapecó, Milton realizou diversos estudos e constatou aspectos que se repetiam em diversas famílias, entre eles o incentivo dos pais, que é fator decisivo na escolha dos jovens entre ficar ou partir. "Para alguém incentivar um filho a ficar na agricultura é preciso acreditar que aquela atividade seja promissora e possibilite que ele possa ter uma vida plena feliz e com qualidade. A maioria dos pais agricultores, no entanto, não acredita mais nisso e, por

isso, incentivam os filhos a saírem do campo”, explica ele. Para os pais de Josiane e Ricardo, os filhos estavam deixando de lado a oportunidade de ‘ser alguém na vida’.

— Sempre é assim. Não deu nada na vida, virou agricultor. Esse ali não prestou para ser advogado, não foi jogador de futebol ou professor. Teve que ficar na roça. Agricultura parece que é o fundo do poço! — constatou Josiane, enquanto plantava mais uma mudinha no canteiro naquela manhã de setembro de 2019.

Para o casal, no entanto, a roça é maravilhosa. Apesar de cansativo, o trabalho para eles é gratificante. A rotina é intensa e precisa ser planejada na semana anterior. Nas segundas-feiras, por exemplo, Josiane e Ricardo concentram seus esforços na plantação das mudas. As botas pesadas nos pés dificultam um pouco o caminhar no estreito espaço entre um canteiro e outro. A terra, molhada da chuva, fica lisa como a casca de uma banana.

Um mínimo deslize e você acaba no chão.

Os canteiros são forrados com serragem, o que ajuda a proteger a terra da chuva e do sol em excesso e, principalmente, das pragas. Para quem trabalha com orgânicos, as doenças são fatores preocupantes. Com uso restrito de produtos, as chances de salvar uma plantação infestada são quase nulas. Depois de passar nos bercinhos o adubo natural que



Depois de Ricardo colocar o adubo nos bercinhos, Josiane planta as mudas de alface no canteiro forrado com serragem

eles produzem, o casal começa de fato a plantação. Os berços são como Josiane e Ricardo chamam o local onde as mudas serão plantadas, diferentemente da população em geral que denomina de covas. Como a propriedade é pequena, os dois agricultores fazem o que chamam de consórcio, um mesmo canteiro abriga três ou quatro cultivos diferentes. Dessa vez foi couve, alface e rúcula. Entre os verdinhos também sempre uma florzinha comestível, que até é comercializada, mas tem ali a função de espantar com o seu cheiro os mosquitinhos, que parecem inofensivos, mas alguns podem ser a porta de entrada de novas pragas.

Há quase um ano vivendo em Antônio Carlos, o casal ainda sente um pouco de estranheza da população local, principalmente por serem jovens 'estrangeiros' vivendo da roça.

— As pessoas ainda nos veem como forasteiros. Sempre fazem um interrogatório: o que vocês 'novo' tão fazendo aqui? É uma sensação de estranheza da população, por sermos jovens e escolhermos viver assim — conta Josiane, que detalha ainda mais os motivos que a fizeram sair da cidade.

— Aqui o principal de tudo é qualidade de vida. E outra, lá na cidade já estava determinado que não íamos ter filho. Porque eu não ia ter filho para depois deixar ele lá jogado o dia inteiro em uma creche — afirma ela que, em seguida, é completada pelo marido.

— É o que acontece hoje né. Você tem um filho, mas terceiriza tudo! — enfatiza Ricardo.

O número de pessoas de outras cidades vem crescendo ano a ano no município de Antônio Carlos, principalmente porque o custo de vida nos centros urbanos é muito alto. Embora não existam dados quantitativos, o Secretário de Agricultura da cidade, Luciano da Cunha, aponta que "há hoje um grande

público de fora” devido a pouca distância com municípios importantes, como São José e Florianópolis. Assim muitas famílias optam por morar mais afastadas e se deslocar diariamente até o trabalho. O fato também é percebido pela população local que nota cada vez mais a presença de ‘desconhecidos’ e observa o crescimento da procura de aluguéis de apartamentos. Para os agricultores, a proximidade com o meio urbano também auxilia na venda da produção, assim eles estão mais próximos do mercado consumidor.

Opção ou fatalidade?

Aos 86 anos de idade, seu Zé Kuhn vai bem de saúde. O susto do forte resfriado que o deixou de cama nos últimos dois meses já havia passado no início da primavera de 2019. Restou apenas os resquícios de uma vida inteira na roça: uma dor nas costas aqui, uma dificuldade no caminhar ali. Nada mais. A lucidez e a vontade de trabalhar também não largam o corpo já envelhecido. Mesmo aposentado faz questão de ajudar na lida da família da filha Terezinha. A mulher é a sexta dos oito filhos de José Martin Kuhn e Maria Pauli Kuhn, 82. Destes, apenas três continuam na agricultura.

Seu Zé nasceu em Antônio Carlos em 1933. Morador do bairro Guiomar, é mais um dos descendentes de alemães que deixaram a terra natal fugindo da miséria. Agricultor desde que se conhece por gente, fica alegre ao poder contar sobre os tempos difíceis e os dias de luta quando mais jovem. Momentos que ficam guardados na memória e que seu Zé tem orgulho de compartilhar com as gerações mais novas.

— Antigamente tudo começava com engenho e uma junta de boi e assim as famílias viviam, principalmente da rama e cana — conta ele, ao lembrar dos dois principais produtos de subsistência da épo-

ca, a mandioca, que resultava na farinha, e a cana, que era transformada em açúcar e melado.

Ao lado de seu Zé está a neta Gislaine e a namorada do neto Guilherme, a Gabriela. Enquanto o avô conta mais uma das suas histórias, as duas separam com eficiência as folhinhas secas e podres da cebola que dona Terezinha acabou de colher. As mãos de seu Zé, já marcadas pelo tempo, não ficam paradas e, com rapidez, ele também ajuda a limpar o temperinho. Em seguida, Gilmar, genro de seu Zé, pega uma quantidade na mão e assim, no olho mesmo, amarra um molho de cebola bem caprichado que depois estará nas prateleiras da rede de Supermercados Koch. O círculo que a família forma ao redor da caixa cinza cheia de cebola torna-se uma rodinha de conversa. Não que o trabalho pare em algum momento. De jeito nenhum. A boca fala, mas as mãos não param. Na roça isso é muito comum, já que o trabalho e a família são uma coisa só. Todos estão sempre muito próximos, quase 24 horas por dia. Nesses momentos mais calmos da rotina, o avô aproveita para relembrar as memórias. Como um ancião em sua tribo, ele conhece a história da cidade e dos que moram nela. O bate-papo da família se torna uma viagem ao passado e mexe com a imaginação e o sentimento dos que têm a oportunidade de ouvir como era a vida dos antigos moradores dos verdes vales.

Seu Zé teve apenas quatro anos de estudo. A escola era longe e as crianças precisavam ir a pé. No caminho brincavam de corrida, subiam no pé de jabuticaba ou na goiabeira, onde aproveitavam para comer uma fruta docinha. O colégio, que era na verdade uma casa velha, tinha uma única sala, onde a professora ensinava os conteúdos em português. As crianças, no entanto, demoravam a entender, pois só falavam o *Hunsrück*, dialeto alemão trazido pelos colonizadores. O menino estudava pela manhã e à

tarde ajudava o pai na roça. Naquele tempo o que exigia-se de um menino era que ele fosse forte, trabalhador e obediente ao pai. Essa era a rotina de praticamente todas as crianças de Antônio Carlos entre os anos 1930 e 1990.

Quando crescidas, ao 11 anos, os adolescentes faziam a Primeira Eucaristia em uma das seis igrejas católicas que existiam na época. Cerimônia celebrada no último ano primário. Depois disso a maioria abandonava a escola, como aconteceu com seu Zé. Em 1991 apenas 15% dos jovens antônio-carlenses tinham o fundamental completo, segundo dados do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e FJP (Fundação João Pinheiro). O 'ginásio', como ainda é popularmente conhecido o ensino médio, era bem mais distante e, como não havia transporte, muito menos incentivo dos pais, as crianças paravam de estudar.

Ficar na roça sempre foi uma fatalidade para as gerações mais velhas de Antônio Carlos. É comum ouvir dos agricultores que a falta de oportunidade de estudo e o incentivo dos pais para permanecer no campo foram cruciais nas suas decisões quando jovens. Era costume, por exemplo, o pai comprar uma bicicleta, objeto de luxo na época, como um presente para o filho ficar na roça com a família. A história se repetiu com todos os filhos do seu Zé. Nenhum deles concluiu os estudos com a idade 'certa'. Sabem o mínimo. Ler, escrever e fazer contas matemáticas básicas. Assim também aconteceu com seu genro, o Gilmar.

A estrada que corta a montanha, ainda com mata virgem, leva o sobrenome da família. O Morro dos Mannes, no bairro Rachadel, abriga hoje cerca de 20 famílias, todas dependentes da agricultura familiar. Quando pequeno, Gilmar e seus nove irmãos ajuda-

vam seus pais Flórido e Maria na plantação de cana, mandioca, milho e café. O trabalho era pesado durante seis dias na semana e o domingo era reservado para a reza e o descanso, assim como interpretam a Bíblia. De tradição católica, os Mannes seguiam os mandamentos da igreja e participavam ativamente das celebrações. Para agradecer as colheitas, a família de doze pessoas, muitos ainda pequenos, caminhava por uma hora até a Igreja do Senhor Bom Jesus, onde celebravam a tradicional missa. À tarde se reuniam com os vizinhos, faziam doces, jogavam bola, pescavam e adiantavam os serviços para a semana. Os filhos de seu Flórido e da dona Maria cresceram e logo formaram outras famílias. No período de um ano, casaram três filhos. Um deles era Gilmar, que se uniu em matrimônio com dona Terezinha, em 1990. Como de costume, ganharam um pedacinho de terra e uma casinha para morar, onde residem até os dias de hoje.

Construído na época do casório, o ranchinho de 120 metros quadrados abriga o negócio da família há 29 anos. Agora, recém reformado, tem portão de madeira com cadeado, um banheiro, garagem para o trator e uma câmara fria, que resfria e conserva a produção. No lado esquerdo há um tanque com uma mangueira laranja fluorescente que jorra água sem cessar. O barulhinho lembra as lindas cachoeiras no interior das matas de Antônio Carlos. Enquanto parte da família se debruça sobre as caixas de cebola, o filho mais velho de Gilmar e Terezinha termina de virar a terra debaixo de uma das estufas. A tobata barulhenta prepara o terreno para a próxima plantação. Cansado com o esforço que a máquina exige, Guilherme chega ao galpão e se direciona rapidamente ao tanque onde bebe 'água na bica', como dizem os nativos. A água da família vem direto da nascente, é límpida, pura e tão gelada que chega a doer a garganta ao tomar.

Antes de seguir para outro trabalho, fora do galpão, Guilherme aproveita para contar os molhos de cebola que já estavam prontos. Era mais de quatro horas quando terminaram o serviço. Naquele horário a barriga já roncava de fome. Por sorte, a filha do meio do casal, Geiza, chega ao velho ranchinho com o café da tarde em mãos. Às sextas-feiras ela fica responsável pelos serviços domésticos e ajuda na preparação das refeições. A mesa de madeira fica no cantinho da construção e ampara o café preto, pão doce e bolachas. Ali a família tem seus minutos de descanso. Os cachorros ao redor recebem carinho e, com saltos desajeitados, pegam no ar os petiscos jogados por Má. A diversão dura pouco tempo, logo Geiza recolhe o café e retorna para seus afazeres. Os outros, com enxadas na mãos, se apressam para capinar mais um 'eito' de rúcula. A família Mannes planta, em sua grande maioria, os chamados verdinhos: alface, rúcula, salsa, couve e alguns outros temperos. Na propriedade também tem espaço para a mandioca, cenoura, milho e cana de açúcar, que até comercializam, mas preferem destinar grande parte para tratar o gado e/ou consumo próprio.

Assim como seu Zé, Gilmar e Terezinha também não tiveram outra oportunidade, a não ser a agricultura. Os jovens, principalmente os mais pobres, não tinham opção. Gilmar, no entanto, não considera a roça uma fatalidade. O homem de riso largo e fácil, fala com orgulho da sua profissão e do quanto trabalhou para conquistar tudo que tem.

— Eu faço porque eu gosto. Eu sempre gostei de trabalhar na roça. Estudar eu não gostava né — revela Gilmar.

— Não gostavas? — pergunta o sogro, seu Zé Kuhn, que diz em seguida. — Eu gostava, mas nós não tinha tempo e não podia ir. Tinha que ir para a roça! — complementou ele.

Dos três filhos do casal, Guilherme, Geiza e

Gislaine, somente as meninas decidiram estudar com o intuito de sair da roça. O incentivo dos pais foi essencial na decisão, principalmente porque as duas entraram em uma universidade privada e precisavam de ajuda com o pagamento das mensalidades. Hoje, formadas e com o Certificado de Registro em mãos, elas continuam auxiliando a família nos afazeres agrícolas enquanto seguem a procura de emprego. O sentimento de êxtase pós colação de grau se mistura agora com angústia e receio diante de um

futuro ainda incerto.

— Quando tu sai da faculdade é difícil achar um emprego. Daí a gente pensa: será que vai dar certo ou será que eu vou ter que voltar? — questiona Gislaine com a voz trêmula.

Não que ela odeie a roça, pelo contrário. A jovem, de 23 anos, entende que tudo que ela conquistou é fruto do trabalho



Formada em Fisioterapia, a jovem Gislaine trabalha na roça com a família enquanto busca por um emprego na área

da família na agricultura. Gislaine ama a cidade em que vive e a liberdade que a vida no campo permite, mas deseja também experimentar novos voos para longe do ninho. Só assim ela poderá saber até onde suas asas podem levar. Assim também pensa a irmã, Geiza, que ao chegar no fim do dia fica feliz ao ver o trabalho cumprido, ao deitar na cama, no entanto, as dores físicas fazem a jovem se recordar dos motivos que a fizeram escolher os cadernos e não a enxada.

— Ah, a coluna... a gente sente dor!

Diferentemente de Geiza e Gislaine, o irmão Gui-

lherme sente-se confortável na roça. Quanto tinha 18 anos, o jovem não via a hora de terminar o ensino médio para poder se dedicar totalmente ao trabalho e, claro, tirar finalmente a Carteira de Motorista. Dez anos depois, com 28 anos, o rapaz tem sua Saveiro, que o leva para passear com a namorada, a menina Gabriela. Assim como para o pai Gilmar, a agricultura não é uma fatalidade para Guilherme.

— Eu gosto de trabalhar, mexer na terra e pretendo seguir adiante assim, como agricultor — disse ele.

“Pousar no velho ninho”

O sol estava a pino na Capital Catarinense das Hortaliças e dos Hortifrutigranjeiros. Com os termômetros marcando 30 graus em pleno inverno, o calor era intenso naquela tarde no bairro Rio Farias. Na cozinha da avó Terezinha a conversa fica mais alegre quando a buzina forte do caminhão apita na estrada. Da janela, os avós e a mãe respiram aliviados ao saberem que os rapazes chegaram bem depois de uma tarde inteira de vendas. As segundas-feiras Franklin e José Hygor vão sozinhos para o maior centro de comercialização de verduras da Grande Florianópolis. O avô, sentado no seu sofá marrom, sabe bem quando o assunto é a Ceasa — Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina. Foram vinte e cinco anos indo e vindo da sede no município de São José, há 26 quilômetros de Antônio Carlos. Agora aposentado, Zé Anastácio vê os netos dirigindo pelo mesmo caminho.

Para os rapazes, continuar na roça foi uma opção. Depois de concluírem o ensino médio, os dois não queriam saber de estudar, queriam mesmo era continuar o negócio da família. A mãe Terezinha apoiou a decisão, mesmo sabendo que a roça não era o trabalho que sonhava para os filhos. A mulher,

diferentemente deles, não teve oportunidade de escolha, a roça foi uma fatalidade na sua vida.

— Na minha época não tinha opção, não tinha escolha. Mas eles [Franklin e José Hygor] tinham e por isso eu queria que eles tivessem uma vida mais tranquila, no ar condicionado, com férias, porque o colono, por exemplo, não tem férias — disse Terezinha, enumerando os contras da agricultura familiar.

Seus filhos, entretanto, não enxergam os pontos negativos da roça, sabem o quanto o trabalho é e desafiador, mas não conseguem se enxergar trabalhando em outro lugar senão no campo. Além disso, o custo benefício foi um dos fortes motivos que os fizeram ficar.

— Se a roça não fosse boa, o cara ia estudar, porque burro aqui ninguém é — declarou Franklin.

— O dinheiro vem mais rápido trabalhando na roça se comparar com os jovens que foram estudar — completou a mãe Terezinha ao lembrar do caso de um primo que já é formado há alguns anos, mas que só agora conseguiu se estabilizar e montar seu próprio apartamento.

Desde que os dois jovens decidiram permanecer, a família divide os lucros em porcentagens iguais. Para Terezinha essa questão é fundamental para o funcionamento do negócio, pois dá liberdade aos filhos e os impulsiona a continuar. No entanto, esse procedimento é incomum entre as famílias agricultoras e, segundo profissionais da Epagri, o fato dos pais não dividirem o dinheiro com seus filhos, faz com que muitos jovens procurem na cidade o retorno financeiro que não recebem em casa.

— Os jovens mais desanimados são aqueles que os pais não dão liberdade para fazer as coisas deles. Alguns são quase como empregados e aí chega final de semana, quando querem sair, precisam ainda pedir dinheiro para o pai. Daí o que ele pensa? Vou ser empregado na cidade, porque lá eu ganho



meu dinheiro e faço o que eu quero — destaca o Engenheiro Agrônomo da Epagri em Antônio Carlos, Jeronimo Veppo.

Além disso, temas como a sucessão ainda são considerados ‘tabus’ para a maior parte das famílias agricultoras. Na família Richartz, por exemplo, o assunto não foi discutido em nenhum momento, embora seja de extrema importância para o planejamento do futuro. A Coordenadora Estadual do projeto com jovens rurais da Epagri vem fazendo um trabalho a respeito, estimulando debates durante os cursos oferecidos anualmente.

— A gente vê que é um assunto delicado, mas trabalhamos para que seja discutido. Claro, sempre orientando os técnicos para observar que quando uma família ainda não está preparada para isso, para não insistir — explica Rose Gerber.

Quem fica, quem sai e quem volta. Embora vivam na mesma cidade, com realidades semelhantes, os motivos que levam os jovens a ficar ou partir se entrelaçam de formas diferentes para cada um. Como diz a música “As andorinhas voltaram”, do composi-

Os irmãos Franklin e José Hygor escolheram a agricultura como um negócio para toda a vida

tor Alcino Alves, consagrada na voz do grupo Trio Parada Dura, algumas andorinhas partem à procura de felicidade. Outras, depois de partirem, voltam para casa feridas, machucadas. E há aquelas que pou-sam no velho ninho, formando uma geração mais esclarecida que, apesar de tudo prefere ficar, talvez por achar que em Antônio Carlos tem futuro, afinal.

Assim como os que decidem partir enfrentam novos desafios, os jovens que ficam também precisam superar obstáculos, sobretudo aqueles que se perpetuam há décadas e que são resultado da falta de uma discussão aberta nas famílias. O machismo e o poder paterno são aspectos presentes nas comunidades rurais e se tornam uma barreira diante do novo perfil de agricultores que têm o desejo de implementar mudanças. Os nós de sabedoria impedem, muitas vezes, que aconteçam laços de transformações.

Família e o poder paterno

— **O** medo de perder o comando é muito grande por parte dos pais.

O relato de Ivanda Masson vem carregado de sentimentos. A pesquisadora da Epagri foi uma jovem rural e viveu momentos difíceis na relação familiar. Eram cinco filhos, quatro mulheres e um rapaz, mas somente o filho homem teve a oportunidade de fazer cursos e realizar uma graduação com auxílio financeiro do pai. As meninas tiveram que conseguir primeiramente um emprego para depois pagar sua própria faculdade.

— Isso demonstra o trato que os pais têm em relação ao masculino e feminino. Muito cultural, nessa 'italianada' e o alemão também tem isso... é muito cultural, de abrir mais ou menos espaço para a sucessão.

Atualmente, depois de toda uma trajetória acadêmica brilhante, incluindo um mestrado sobre Juventude rural e Extensão pela Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Ivanda relata com tranquilidade temas que antes atravessaram fortemente sua vida e que até atropelaram seus sonhos quando mais jovem.

— Eu quis voltar [para a roça] depois de casada e eu já era mãe de uma menina. Ele [o pai] não permitiu o meu retorno, porque ele falava que quem mandava lá era ele. Eu até poderia voltar, mas ele

Aqueles que não seguiam as regras dadas pelo padre, além de serem mal falados pela comunidade, recebiam punições físicas

que permaneceria no comando. Claro que eu não ia ficar lá com essa condição — conta Ivanda com a voz embargada de emoções.

Assim como relatou Ivanda, dona Terezinha, de 79 anos, avó de Franklin e José Hygor, também faz questão de destacar a condição de inferioridade a que era relegada a mulher em anos passados.

— A mulher não tinha vez, ela tinha que fazer o que o homem queria. O homem tinha tanto poder... Hoje até tá voltando, os 'home' matando as 'mulher' assim à toa. Assim antigamente era, para cada coisa o homem podia matar a mulher e pegar outra — relembra, indignada com as situações as quais as mulheres eram submetidas.

As pregações nos cultos católicos também giravam em torno da superioridade masculina, contam dona Terezinha e o marido, Zé Anastácio de 80 anos. Até o espaço era organizado de forma que as mulheres e meninas sentavam de uma lado da igreja e os homens e rapazes no outro. Aqueles que não seguiam as regras dadas pelo Padre, além de serem mal falados pela comunidade, recebiam punições físicas por parte das autoridades religiosas, como, por exemplo, ficar de joelhos durante uma manhã inteira de domingo em frente da igreja. Os 'pecadores' só poderiam sair do castigo quando outro cristão o tirava daquela posição. Essa situação podia durar meses e foi prática comum até meados do século passado, como relata o casal de idosos.

— Eu não sei como o pessoal ficou antigamente na igreja. Deve ser porque não tinha para onde fugir, senão eles 'fugia' tudo — desabafa dona Terezinha.

O agricultor familiar de Antônio Carlos está diretamente ligado à igreja católica, religião predominante até os dias de hoje. Nas pregações atuais, no entanto, não existe mais nenhum tipo de castigo e as homilias dominicais giram em torno da misericórdia de Deus, o amor ao próximo e a vida eterna, amém!

A cidade vem recebendo também outras instituições religiosas nos últimos anos e atualmente conta com cinco, a Congregação Cristã no Brasil, Palavra Viva, Testemunhas de Jeová, Universal e Adventista. O preconceito em relação a isso, entretanto, é muito grande por parte da população nativa, que faz questão de dizer “fulano de tal é de outra religião”, como se a católica fosse a única possível. De fato, por muito tempo foi e por isso é fácil de entender esse pensamento baseado no senso comum que, inclusive, é reforçado até hoje pelos sacerdotes da região.

Além da influência da igreja, a agricultura familiar em Antônio Carlos ainda tem uma característica muito forte ligada ao poder paterno, principalmente porque o negócio está diretamente ligado à família. Embora não esteja assim tão evidente como antigamente, o homem ainda é considerado tradicionalmente o ‘provedor’ e, portanto, acaba tendo maior poder de decisão, de gestão e até em relação a questões financeiras. Na maior parte das famílias é um representante masculino que lida, por exemplo, com a Epagri, com as cooperativas e bancos. A relação com o meio externo da propriedade sempre está mais ligada ao homem e, a mulher, acaba ficando em segundo plano refletindo diretamente na sucessão da propriedade familiar, como explica o pesquisador Célio Haverroth. Em um dos estudos que ele realizou em Chapecó, por exemplo, 50% dos meninos tinham interesse em permanecer na agricultura contra 25% das meninas. Ou seja, para cada dois meninos uma menina.

— A mulher é muito mais dependente, o homem toma a frente e as decisões não são em conjunto como deveriam ser. As filhas meninas até são estimuladas pelas mães a saírem daquele local. Ou até elas próprias tomam a iniciativa, por perceberem esse processo — explica Célio que, ao terminar a frase lembra-se de um termo muito conhecido utilizado

para essa situação, o celibato.

Como existe uma tendência maior de êxodo rural juvenil feminino, muitos rapazes não conseguem encontrar uma parceira e, em se tratando de agricultura familiar, a constituição de uma família é essencial para a continuidade e prosperidade do negócio. Nesses casos, ocorre o que os pesquisadores chamam de celibato, rapazes que continuam na roça sem nenhum relacionamento afetivo, principalmente por conta da inexistência de mulheres na região. Em Antônio Carlos, no entanto, não acontece esse fenômeno, de acordo com Rosilda Feltrin, profissional da Epagri no município.

— Aqui tem casamento todo final de semana! — exclama ela, eufórica com a constatação.

Teimoso é quem teima com alemão

Felipe está em um relacionamento sério com a menina Fabiana, mas já pensa no casamento e na casa que pretende construir futuramente. O jovem tem apenas 21 anos, mas não consegue esconder o desejo de logo formar uma família. Desde que desistiu da faculdade e decidiu permanecer na roça com o pai, Nerinho, 49, o rapaz arquiteta também planos para o futuro do negócio.

Observando as atividades na produção agrícola de Antônio Carlos, Felipe concluiu que todas seguem padrões herdados de gerações passadas. Há anos que pais ensinam seus filhos o saber do plantar e como devem ser feitas todas as coisas, desde procedimentos e cuidados específicos até a influência das fases da lua na plantação. É um conhecimento muito rico que foi sendo construído ao longo de anos. O agricultor de Antônio Carlos, por exemplo, até sabe quando vai chover antes mesmo da previsão do tempo divulgar. Se as nuvens no céu tiverem aparência de novelos muito finos de cabelo branco, ou se as

aracuãs, uma espécie de pássaro, cantarem as dez da manhã, é sinal de chuva. Caso o fim de tarde seja com o céu alaranjado, o próximo dia será de sol. E se amanhecer com uma cerração baixa, prepare-se, porque é “sol que racha”.

Felipe sempre soube de tudo isso, mas agora, dedicando-se inteiramente à agricultura, o jovem compreende também que algumas técnicas podem ser aprimoradas. Há alguns meses o rapaz conheceu através da internet a transplantadeira de alfaca, uma máquina que faz toda a plantação das mudinhas com pouquíssima ajuda humana. Para quem passa quatro, cinco horas inteiras com a coluna em noventa graus, colocando muda por muda na terra, a engenhoca, que parece uma aranha gigante, é um desejo de consumo. Mesmo sabendo que seria quase impossível a aquisição dessa nova tecnologia, principalmente porque é importada, o rapaz apresentou os vídeos ao pai. Nerinho, no entanto, teimava que aquilo era uma besteira e jurou de pé junto que não iria investir em uma ‘coisa’ dessas. Afinal, pensava ele, por que não continuar plantando do mesmo jeito que todos plantam? Se sempre deu certo, por que fazer diferente do que seus antepassados ensinaram?

Entre os três filhos, Felipe era o único capaz de dobrar o pai, descendente dos primeiros colonizadores de Antônio Carlos. Nerinho, cabeça dura como todo alemão, não aceitava de forma alguma gastar dinheiro em uma máquina assim. Um dinheiro conquistado com tanto suor, frisava ele para si mesmo. O filho, mais teimoso que o pai, não se deu por vencido e combinou com alguns empresários para que trouxessem a tal transplantadeira até Antônio Carlos, assim Nerinho poderia observar tudo de perto. No fundo, o jovem sabia que mostrar o equipamento para o pai faria com que ele refletisse mais sobre o assunto. Ao ver a tal máquina trabalhando na sua

própria terra o agricultor não teve mais dúvidas: embora o valor fosse alto, o investimento realmente valeria a pena. Hoje, ao recordar das inúmeras conversas para tentar convencer o pai, Felipe brinca com a teimosia de Nerinho, que logo responde:

— O alemão não é teimoso. Teimoso é quem teima com alemão — revida o pai, com um sorriso tímido.

A atitude empreendedora e o brilho nos olhos de Felipe ao trabalhar com a máquina é de dar orgulho. A tecnologia recém adquirida já faz parte do cotidiano da família e torna o trabalho mais leve e rápido. São dez bandejas plantadas por hora e uma pessoa consegue manobrar o equipamento sozinha. Para se ter ideia, cada bandeja possui cerca de 280 plantinhas. Ficar agachado uma tarde inteira é coisa do passado para os Besen, os primeiros proprietários de uma transplantadeira de alface de Santa Catarina, possivelmente do sul do Brasil.

O choque de ideias, e teimosia no caso entre Nerinho e Felipe, é comum entre as famílias agricultoras atuais, principalmente porque os jovens possuem uma interação social muito maior com o meio externo, devido ao acesso à internet e às redes sociais. As coordenadoras do projeto com jovens rurais da Epagri, Rose Gerber e Ivanda Masson, ressaltam essa questão. Ao ministrar os cursos, as duas notaram que os jovens têm desejo pela transformação e inovação da agricultura, mas muitos deles, ao chegarem em casa, acabam sendo criticados e desmotivados pelos pais.

— Tem situações que realmente ainda tem conflito, principalmente o pai que não quer mudar a maneira de fazer, não quer deixar o filho inovar — disse Rose.

— Por vezes esse jovem acaba desistindo de ficar no espaço rural — completou Ivanda, ao relembrar de casos assim.

As duas pesquisadoras são responsáveis pelo curso que capacita futuros agricultores de todas as regiões do estado. Em Antônio Carlos, no entanto, apenas um jovem participa dos encontros mensais, Breno Besen.

Ao saber da desistência do ensino médio, a mãe do rapaz de 18 anos decidiu incentivá-lo para realizar o curso da Epagri, que ficou sabendo através da Casielly Mendes, do escritório da empresa no município. No início, o jovem não ficou muito motivado, afinal ele tinha saído da escola justamente porque não gostava de estudar. Atualmente, finalizando as últimas aulas, Breno fala com entusiasmo sobre os conhecimentos adquiridos durante oito meses. Para concluir, Breno deve apresentar um projeto que pretende implantar na propriedade da família, que será a construção de um sistema de irrigação. O pai, Márcio, está que é só orgulho, afinal, atualmente não existe nenhuma tecnologia para irrigar a plantação. Para a execução do projeto, Breno e Marcinho receberão um auxílio financeiro de R\$ 15 mil reais através da Secretaria de Agricultura Estadual e do Fundo de Desenvolvimento Rural (FDR). Desse valor, a família retornará aos cofres públicos R\$ 13 mil reais em cinco anos.

Durante o curso Breno também teve acesso a conhecimentos de gestão financeira e aprendeu a utilizar aplicativos que hoje auxiliam no controle de gastos da propriedade. Anteriormente



Felipe Besen durante a plantação de alface com a recém adquirida transplanteira de mudas

nada era computado, ou colocado na ponta do lápis, como diz Marcinho. Com o trabalho de Breno, a família consegue ter uma visão geral dos lucros, que atualmente são divididos em porcentagens entre pai e filho.

— No computador eu coloco tudo, despesa de óleo, gasolina, até se quebra o carro e precisa de conserto. O pai nunca fazia a conta do que sobrava. Agora o próprio Excel já soma, e sai certinho o que ganha líquido por semana — explica Breno.

Para o pesquisador Célio Haverroth, exemplos como o de Breno são a prova de que o curso tem dado resultados positivos, mas ainda é uma iniciativa incipiente do ponto de vista quantitativo. De acordo com ele, é necessário alternativas de crédito para o jovem rural, já que, como a maior parte das propriedades estão no nome dos pais, pessoas como Breno, por exemplo, não conseguem financiamento.

— Esse jovem que permanece tem um perfil mais empreendedor, e para empreender precisa ter recursos né. Mas o filho, o jovem, não tem esse acesso para um projeto dele, que ele seja o protagonista, que ele esteja à frente. Isso sim é uma necessidade para facilitar o processo sucessório do ponto de vista legal. De forma que o jovem tenha mais acesso às políticas públicas de forma mais direta — explica o pesquisador.

Cursos voltados para os jovens rurais, como o oferecido pela Epagri, além de serem escassos, ainda sofrem com a pouca procura do público. De toda a população da Capital das Hortaliças, por exemplo, apenas Breno teve interesse em realizar. Segundo as coordenadoras do projeto, isso se explica devido a dinâmica da agricultura familiar. Rosilda Feltrin, da Epagri de Antônio Carlos, conhece bem a realidade.

— Todo dia eles estão plantando, colhendo, capinando ou embalando para vender. Então isso é uma característica do nosso município que dificulta para

eles buscarem capacitação ou ir em uma reunião.

Para o colega de Rosilda, Jeronimo Veppo, o fato da população de Antônio Carlos não buscar mais conhecimento está ligado ao alto Índice de Desenvolvimento Humano da cidade.

— Quando você vai para um município mais pobre fazer uma reunião, por exemplo, nem é preciso convidar, e já se reúnem duzentos. Tem uma cooperação maior entre eles e tem uma busca maior por conhecimento. A maioria pensa assim: ‘não, eu estou bem aqui comigo, não preciso ouvir o que ele tem a dizer porque eu já estou bem’ — destaca Jerônimo, ao analisar suas experiências em outros municípios.

Breno parece ser uma exceção em Antônio Carlos; está finalizando seu primeiro curso e já pensando no próximo. O jovem também era um ponto fora da curva na sala de aula. Na nona série, um grupo chegou a conversar com a sua turma sobre sucessão rural, o rapaz lembra até hoje do resultado da pesquisa.

— Perguntaram primeiro: quantos aqui são filhos de agricultor? Acho que vinte e dois levantaram a mão. E depois: Quantos que vão ficar? Chuta mais ou menos aí — desafia Breno, quase como um jogo de adivinhação.

— A resposta? Só eu. Só eu levantei a mão — respondeu ele.

— Ninguém ‘qué’ mais! Hoje é mais fácil comprar e vender — conclui o pai, Marcinho, ao mencionar os atravessadores, pessoas que apenas comercializam os produtos e normalmente não produzem.

A família de Nerinho também vende suas produções para atravessadores. Cada pé de alface, por exemplo, custa R\$ 0,50 na roça. Os atravessadores vendem a R\$ 1,10 para os supermercados que, por sua vez, chegam a comercializar por R\$ 2,00 a unidade. Felipe e Nerinho são, portanto, os que menos lucram nessa cadeia.



Márcio Besen e o filho Breno fazendo a poda nos pés de chuchu

— Se não for por esse preço não se vende. Eles vão buscar em outro lugar, até para Curitiba e São Paulo já estão indo. Na roça dá lucro, mas podia ser melhor — desabafa Felipe, que fica um pouco irritado com a sua constatação.

Além dos atravessadores, existem também os sacoleiros, pessoas que vendem os produtos agrícolas comprados de terceiros e/ou produzidos por eles mesmos, em sacolões e feiras. Segundo estimativas da Prefeitura Municipal, são cerca de 150 sacoleiros na cidade. Nem todo atravessador é sacoleiro, mas todo sacoleiro é um atravessador. Para Nerinho, isso não importa, porque, na visão dele, tanto um como outro sempre acabam passando por cima dos agricultores.

Apesar dos obstáculos, Felipe e Breno são exemplos de jovens empreendedores e com uma visão diferenciada da realidade do campo. Ao se estabelecerem no negócio se entregaram totalmente ao trabalho e seguem na luta por novos olhares e pela valorização da profissão que alimenta todas as outras profissões. São os jovens de Antônio Carlos formando o novo perfil de agricultores da cidade.

Jovem é jovem em todo lugar

A porta da frente da casinha amarela se abre enquanto no tapete levanta-se Dinda, a cachorra mais mimada de Gilmar Flório Mannes, conhecido na cidade apenas como Má. Geiza, a filha do meio do agricultor, estava limpando a casa naquela tarde de sexta-feira chuvosa e fria, em meados de setembro de 2019. A jovem de 25 anos é formada há um ano em Nutrição e, enquanto busca por um emprego na área, trabalha com a família na roça e ajuda nos serviços domésticos. Embora seja temporário, a jovem considera-se agricultora e não se vê morando longe do campo. Criada desde sempre em meio a natureza, a moça de olhos azuis pretende construir seu futuro em Antônio Carlos.

— Em apartamento eu iria me sentir sufocada. Eu não gosto de espaço pequeno. Morar na cidade só se o meu futuro emprego obrigar, senão não — afirma Geiza enfática.

A irmã compartilha da mesma opinião.

— Eu acho que eu ia ficar louca — exclama Gislaine — Quando a gente estuda a gente vê a ‘muvuca’ da cidade e isso não me agrada.

O irmão Guilherme também tem um carinho especial pela terra dos verdes vales, onde se fixou como agricultor e pretende dar continuidade ao negócio dos pais na roça. O rapaz trabalha de segunda à sexta e aproveita o final de semana para encontrar os amigos e fazer as trilhas de moto que tanto adora.

O presente e o passado perpassam a juventude da Capital Catarinense das Hortaliças e deixam marcas importantes para a nova geração de agricultores

Os pais já não gostam tanto dessa diversão, o recente acidente com o filho, que resultou em uma cirurgia no joelho, os deixou assustados. Guilherme, no entanto, não consegue viver longe do seu hobby.

A abundância de matas e a beleza da natureza trazem cada vez mais pessoas para as trilhas de Antônio Carlos, seja a pé, como na tradicional caminhada da Semana Santa até a cidade vizinha de Angalina, ou de bicicleta, esporte que tem crescido entre a população antônio-carlense. Hoje são cerca de 142 ciclistas na cidade, de acordo com estimativas da loja Beleza Bike. Os carros 4x4 também tem sua vez através do Jeep Club de Antônio Carlos, composto por 19 sócios que participam de encontros cheios de diversão, aventura e muita lama. As redes sociais se tornam ferramentas importantes para estas turmas, como o grupo 'Passeios e Aventuras' no *WhatsApp*, aproximando os amantes de trilhas, que compartilham fotos e vídeos e marcam novas saídas pela cidade. Essas possibilidades de lazer, no entanto, não chegam até a maioria dos jovens de Antônio Carlos, ou porque não se identificam ou então por não terem uma posição financeira estável, já que esportes como esses demandam um certo investimento para aquisição e manutenção dos equipamentos.

Zap Zap

A localização foi compartilhada no *WhatsApp*, mas, embora seja no centro da cidade de Antônio Carlos, a rua sem nome mal aparece no mapa. Com ajuda de alguns pontos de referência, como uma loja de móveis na esquina, é possível chegar até a rua em que trabalham Márcio Besen e seu filho, Breno. Dentro do cercado da casinha rosada, um cachorrinho latia sem parar naquela manhã. A janela de madeira abriu-se em seguida, era dona Izaltina Lúcia de Mattia, 67 anos, a avó de Breno que mora sozinha

na residência. Eram oito horas da manhã e ela mal havia acordado. Márcio e Breno não haviam chegado ainda, aproveitaram a primeira hora para comprar suprimentos na agropecuária.

A senhora ainda tentava telefonar para os dois quando o som da descarga do carro prata anunciou a chegada de pai e filho no galpão. Depois de guardarem as compras em um armário antigo se dirigiram para a mesa da varanda da casa de dona Izaltina. Na espera pelo café, entre uma fala e outra, Breno dava uma olhada no celular que não desgrudava por um instante. Ao falar da irmã Ester, de apenas cinco anos, o jovem faz questão de mostrar uma foto fofa da menina. Para o rapaz, a tecnologia já faz parte da sua vida e agora também incorporou no trabalho da roça. O pai Marcinho não está tão acostumado, mas, com a ajuda do filho, os dois negociam e gerenciam toda a produção pela internet.

— Ah, hoje é tudo no Zap Zap — diz Breno utilizando o termo carinhoso referente ao aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

Para além dos negócios, pai e filho também gostam de reservar o final de semana para o lazer. Nas sextas-feiras, Márcio reúne os amigos no salão de casa para o churrasco, Breno, no entanto, prefere curtir as festas ‘lá pra baixo’, como se refere à cidade de Florianópolis. O jovem utiliza o ‘zap zap’ para falar com os amigos e marcar encontros que vão desde festas de música eletrônica, *shows*, bares e *shoppings*.

— Aqui não tem nada, só buteco! — exclama Breno rindo da própria situação.

Os botecos são barzinhos simples, normalmente com algumas cachaças expostas em uma prateleira de madeira e que vendem refrigerante de 600 ml em embalagem de vidro, cerveja, e salgadinhos fritos a um real. Havia um desses próximo à casa dos jovens Franklin e José Hygor, no bairro Rio Farias. Sem nome

próprio, quando as pessoas querem se referir a ele o chamam de Berlindo, nome do proprietário. Aos sábados o lugar reúne os homens da região que passam a tarde jogando dominó, passatempo comum entre os agricultores de Antônio Carlos. Enquanto isso, as mulheres permanecem nas suas residências, vez ou outra fazem uma visita a alguma conhecida da vizinhança. Antes de voltarem para casa, aproveitam para levar algumas mudinhas de flores para plantar no jardim. Isso não se restringe apenas às mulheres mais velhas, para as moças da cidade a febre é colecionar suculentas, plantinhas pequenas e fofas de várias cores e formatos. Já existe até um grupo no *WhatsApp* para compartilhar informações da nova moda ornamental.

Futebol

Ao lado do 'boteco do Berlindo' existe o projeto de um campo de futebol que seria a casa do Rio Farias, nome em homenagem ao bairro. Um time que já fez história pelos festivais esportivos da cidade, mas hoje nem existe mais. As fotos dos antigos jogadores e os troféus ficam expostos no boteco e seu Berlindo tem orgulho de mostrar. No fundo, o senhor ainda tem esperanças que o Rio Farias volte a jogar, mas, enquanto isso não acontece, ele aproveita para acompanhar o Campeonato Municipal de Futebol Amador que, em 2019 contou com a participação de cinco dos onze times existentes em Antônio Carlos.

O campeonato, disputado desde 2002, é uma das poucas formas de lazer na cidade, onde a população se encontra em torno do gramado nas tardes de domingo para torcer por seus times e socializar com pessoas de outras comunidades. O pesquisador Célio Haverroth destaca a importância da interação social no campo e como o esporte é um dos únicos meios de diversão em município menores.

São através de momentos assim que os jovens criam vínculo com o lugar que vivem, o que pode se tornar um fator crucial na decisão entre ficar e partir. O pesquisador da Epagri, no entanto, problematiza uma questão que nem sempre é percebida pela juventude rural como um todo.

— As pessoas ainda se relacionam através do esporte. Agora, qual é o esporte mais praticado? É o futebol. E que normalmente as meninas não praticam. Se o menino tem esse grupo de relações através do futebol, a menina não tem. E isso também cria vínculo com o meio rural — analisa Célio Haverroth.

Enquanto menino, o filho mais novo de Te e Zeca, José Hygor, pode participar do campeonato e jogou na última edição como goleiro do time Rachadel, que representa o bairro vizinho de mesmo nome. Neste ano o rapaz não foi contratado, mas não sente falta desse momento de lazer em específico. Diferentemente de Breno, que não se contenta com as poucas opções de diversão em Antônio Carlos, José Hygor acredita que as festas de igreja somadas às festas de casamento já ocupam seus finais de semana o suficiente. Breno também participa do campeonato de futebol, mas, como mais novo, joga no juvenil. Em 2019 o seu time, Estrela Azul, foi campeão, inclusive.

Para as jovens mulheres, como as irmãs Geiza e Gislaine, restam ainda menos alternativas de lazer dentro de Antônio Carlos. Quando saem, preferem ir com as primas para o *shopping*, ver um filme no cinema e comer um lanche diferente. Na maioria dos finais de semana, no entanto, ficam em casa ou se encontram com os familiares. Na cidade rural se tem o costume de visitar os avós nos domingos, por exemplo, e comer no almoço um delicioso recheio alemão. Nas datas comemorativas, como no Natal, as famílias antônio-carlenses se programam para que todos estejam presentes na festança organizada. Na

casa da avó Maria, em Rachadel, as meninas ainda participam de uma celebração que reúne os quase cem integrantes da família em torno do presépio onde cantam, rezam e recebem um chokolatinho de lembrança. Essa é a tradição dos Mannes e o Natal é a melhor época do ano para eles.

Para Ivanda Masson, da Epagri, relatos como o das irmãs Geiza e Gislaine são comuns entre os jovens da Grande Florianópolis que participam do curso ministrado anualmente pela pesquisadora. Na visão dela, é uma questão de cidadania que ainda tem muita diferenciação entre o espaço rural e urbano.

— O cinema onde tem? Tem aqui no espaço urbano. Uma biblioteca bem estruturada onde tem? É aqui. Um *show*? É aqui. Um comércio melhor, um lazer maior é aqui. O que sobra lá para o domingo do jovem do espaço rural? — questiona Ivanda.

Jeca Tatu

Quando Gislaine decidiu estudar Fisioterapia não tinha noção das dificuldades que iria encontrar. Além das disciplinas complexas, da distância da faculdade e das mensalidades altas, a jovem também notou um certo tipo de preconceito das pessoas ao seu redor. O fato dela ser a única da turma que saiu do meio rural fazia ela se sentir excluída em alguns momentos, principalmente nos primeiros semestres do curso. A irmã, Geiza, que estudou na mesma instituição, também percebeu um olhar estranho das pessoas.

— Quando a gente falava que morava em Antônio Carlos todo mundo pensava que a gente vivia no meio do mato. Pensam que, por ser do meio rural, a gente nunca sabe de nada e que não temos capacidade.

Com medo do julgamento, no início da faculdade, Geiza chegou a ‘esconder’ o fato da família ser agricultora e evitava falar desses assuntos. Atualmente, no entanto, a jovem tem orgulho da profissão e se

considera uma parte importante do meio rural.

O estereótipo sobre o agricultor, mesmo que tenha mudado ao longo dos anos, ainda é uma questão muito percebida pela população rural. A pesquisadora Rose Gerber cita como exemplo as novelas que montam a imagem do caipira que fala errado e de boca cheia.

— É um símbolo de atraso. No meu ponto de vista contribui para a pessoa querer se desfazer daquela imagem e de esconder que ela é de determinado lugar — diz Rose.

— É porque mexe com a auto estima. Imagina você na tua área, alguém desfazendo o teu modo de vida a tua cultura. Te achando as vezes sujo até. Aquela história do jeca tatu. Isso já foi, não pode acontecer mais! — complementa Ivanda Masson, colega de Rose no projeto com jovens rurais da Epagri.

O sentimento das irmãs Geiza e Gislaine é o mesmo que o dos irmãos Franklin e José Hygor. Os rapazes, do bairro Rio Farias, também observam um olhar carregado de julgamentos em determinados espaços que frequentam.

— Ah, quando tu vai assinar um papel com aquela mão grossa, cheia de calo, as pessoas já olham feio. Não é uma mão bonita — afirmou José Hygor.

— Ou quando tu vai em um lugar comprar alguma coisa, eles não botam fé que vais ter dinheiro para pagar — continuou a exemplificar a mãe, enquanto lembrava de algumas situações que viveu.

— É tu entrar numa loja boa assim, o vendedor oferece sempre o item mais barato. Aí tu tem que falar, não eu quero aquela — disse José Hygor.

— Eles até perguntam, em quantas vezes vão querer fazer. Isso às vezes até ofende, eles não acreditam no que a gente tem. O agricultor nunca tem nada — concluiu Terezinha.

O preconceito também perpassa a forma com que os agricultores produzem os alimentos. A

maioria dos produtores de Antônio Carlos ainda trabalha com uso de agrotóxicos, que socialmente chamam de defensivos agrícolas. Isso é um dos assuntos mais comentados entre as famílias agricultoras da região, principalmente porque há um choque entre eles e os engenheiros agrônomos da Epagri, que condenam totalmente o uso de produtos tóxicos nas plantações.

— Eles estão em cima direto — afirma Franklin que, em seguida, é interrompido pela mãe Terezinha.

— Mas daí eles não trazem uma tabela e explicam, olha usa isso que é melhor. Se a gente não usar [o agrotóxico], não produz — constatou ela.

— Hoje em dia manda muito, quantidade e qualidade, se não o colono não vai para a frente, daí tem que voltar a estudar mesmo — analisa Franklin.

— Por isso a gente já está indo para um lado que não precisa usar muito, tipo aipim, batata doce e o chuchu, que vão quase nada [de agrotóxico]— explica Terezinha.

Josiane e Ricardo, que plantam orgânicos, também não concordam com a política de agressividade contra os agricultores que usam os agrotóxicos. Para o casal, é preciso uma forma de conscientização através da educação somada a uma desburocratização da produção orgânica.

— Quem planta com agrotóxico é porque vê que é realmente difícil plantar orgânico. O que a gente enfrentou para conseguir certificar aqui... tu tem que estar muito afim de fazer o negócio. E se o cara está plantando e está dando certo, tu acha que ele vai passar por tudo isso que a gente passou para ter um certificado? — questiona Josiane.

— Quando a gente está fora a gente fica se perguntando: mas porque que os cara plantam com agrotóxico? Mas agora que a gente está dentro a gente começa a enxergar os pontos nem tão positivos assim — revela Ricardo.

Para o casal, a política governamental é fundamental no sentido de fortalecer a produção orgânica e conscientizar a população do uso de agrotóxicos. Ao invés disso, em 17 de setembro de 2019, o Ministério da Agricultura registou 63 novos agrotóxicos, somando outros 325 novos pesticidas liberados neste ano. Esse é o maior número de registros nesse período dentro da série histórica que é medida desde 2005. Ao todo, são cerca de 2.300 produtos desse tipo registrados no país. Os agrotóxicos, agroquímicos, defensivos agrícolas, fitossanitários ou pesticidas, são substâncias químicas sintéticas utilizadas para matar pragas, insetos, bactérias, fungos e plantas daninhas. O Brasil usa cerca de 500 mil toneladas desses produtos por ano, ao custo de R\$ 35 bilhões de reais, o que torna o país o maior consumidor mundial desses produtos em números absolutos.

Além disso, no dia seguinte, 18 de setembro de 2019, foi divulgado o laudo de uma investigação, paga com recursos do Ministério Público Estadual de Santa Catarina, que revelou que cerca de 50 milhões de abelhas morreram envenenadas por agrotóxicos em janeiro de 2019 na região do Planalto Norte catarinense. A principal causa foi um tipo de agrotóxico usado em lavouras de soja das redondezas, substância proibida em países como Vietnã, Uruguai e África do Sul após pesquisas comprovarem que ela é letal para as abelhas. Santa Catarina é o maior exportador de mel do Brasil, com 99% de sua produção certificada como orgânica e, agora, percebe sua produção ameaçada.

Invisíveis

— Não existe no Brasil um projeto adequado de políticas que seja estimulador da permanência dos jovens no campo.

Essa é a conclusão de Milton Silvestro depois de anos pesquisando sobre o tema. Ele hoje vive em

Chapecó, é pesquisador aposentado da Epagri e também uma das referências nacionais quando se trata de juventude rural e o processo sucessório. Para ele, é necessário um olhar mais atento para os filhos de agricultores, afinal o futuro destes jovens é o próprio futuro da agricultura familiar.

— Se não cuidarmos dos nossos jovens, então podemos condenar ao abandono inúmeras áreas onde hoje predomina a agricultura familiar. Regiões totalmente esvaziadas, econômica, social e culturalmente — diz Milton, em tom de seriedade.

A falta de incentivo do governo em relação a políticas públicas voltadas para a juventude rural também é tema das conversas entre os agricultores de Antônio Carlos. A cidade, embora seja a Capital Catarinense das Hortaliças e dos Hortifrutigranjeiros, não possui nenhuma iniciativa voltada para os jovens, seja através de cursos ou uma Escola Agrícola, por exemplo.

— Se tivesse um curso por aqui, até eu ia querer fazer — destaca a jovem Gislaine, filha de Gilmar e Terezinha. — Quem é agricultor tem orgulho de dizer que é, mas eles sabem que é sofrido e sentem a falta de alguma ajuda — complementa ela.

Os jovens agricultores também destacam a pouca assistência que recebem por parte dos órgãos competentes de Antônio Carlos, como a Secretaria de Agricultura, a Epagri e o próprio Sindicato dos Trabalhadores Rurais que, tratando-se de uma instituição representativa, poderia ser mais ativo. Os produtores rurais, por exemplo, estão deixando de pagar a sua contribuição mensal, já que a maioria deles não vê nenhum benefício ao se filiar.

Há algumas décadas a entidade era muito presente, isso porque era através do sindicato que a população rural entrava com o processo de aposentadoria, sem nenhum custo e preocupação com a burocracia. Com o fim da obrigatoriedade da

contribuição sindical, decisão do Supremo Tribunal Federal, e com a possibilidade de se aposentar apresentando o Bloco de Notas, agricultoras e agricultores têm se desfilado da instituição ou, como no caso dos jovens, nem chegam a ter esse vínculo. Em 2018 eram 1.018 sócios em dia com a contribuição, destes, apenas 153 são jovens. Até agosto de 2019, porém, somente 657 haviam pago o valor, o que mostra uma queda significativa. Sem essa função, o sindicato não se faz mais necessário para a maioria da população, que não o considera como uma instituição representativa.

— Pra falar a verdade esse ano eu ainda nem paguei, porque para ter a papelada em dia é só o Bloco de Nota que vale. Então para que tu precisa pagar o sindicato? — questiona Terezinha.

— Não dá retorno em nada — completa o filho José Hygor.

— É, não dá desconto no adubo, não tem uma máquina para nos ajudar, não tem nada! — concorda a mãe.

O Bloco de Notas é um documento que registra toda a movimentação de produção, compra e venda, comprovando que um indivíduo é de fato agricultor. Esse registro é feito anualmente através da Secretaria de Agricultura do município e, para a aposentadoria, 60 anos para os homens e 55 para as mulheres, é preciso apresentar cada um deles.

Além da falta de um sindicato ativo, os produtores agrícolas de Antônio Carlos, especialmente os jovens, sentem a escassez de assistência técnica para auxiliar na solução de problemas com a produção. A Epagri, que tem sede na cidade, até oferece visitas de Engenheiros Agrônomos, por exemplo, mas são os próprios agricultores que respondem as dúvidas dos profissionais.

— São eles que perguntam para saber como é que o chuchu está bonito — revela Terezinha, mãe

de Franklin e José Hygor.

— Pra daí passar pros outro né — diz José Hygor, um pouco revoltado.

Na falta desse acompanhamento, os rapazes, Franklin e José Hygor, entrelaçam o conhecimento passado por gerações com aqueles que encontram na internet. O presente e o passado perpassam a juventude da Capital Catarinense das Hortaliças e deixam marcas importantes para a nova geração de agricultores que, apesar das responsabilidades e da escassez de políticas públicas, continuam sendo jovens, como ressalta a pesquisadora Ivanda Masson.

— O jovem é jovem em qualquer lugar no mundo e em qualquer circunstância. Ele tem medo, ele tem angústias, por vezes ele é relapso, por vezes ele é muito impositivo. Ele quer o melhor para ele, por isso ele se impõem mais. Em qualquer espaço o jovem é jovem!

Histórias entrelaçadas

As histórias contadas nesta reportagem se entrelaçam através de lembranças do passado e as angústias do presente. Os laços entre as personagens aqui retratadas mostram um recorte de como é viver na cidade dos Verdes Vales que abriga em pouco mais de 200 mil quilômetros quadrados um povo de características simples ligadas ao trabalho, ao campo, à igreja e à fé. Do idoso de 80 anos, como seu Zé Anastácio, ao jovem de 18, como Breno, é possível perceber a construção dos dilemas que envolvem a agricultura familiar de Antônio Carlos e a vida daqueles que dependem dela para sobreviver.

Ainda que exista um vínculo muito forte entre as gerações da Capital Catarinense das Hortaliças e dos Hortifrutigranjeiros, a história, que se repetia por décadas, começa a ser escrita de forma diferente. A decisão entre ficar e partir que a juventude de hoje tem nas mãos, por exemplo, é a oportunidade que os jovens do passado não tiveram. O estudo, que antes era ignorado pelos pais agricultores, hoje é visto como a chance de “escapar” do campo para “ser alguém na vida”. A segurança e a autonomia que o campo possibilita, no entanto, ainda são aspectos considerados positivos e que pesam na balança mental da juventude de Antônio Carlos no momento de fazer suas escolhas.

A decisão de ficar ou partir se torna difícil justamente pela ambiguidade da situação e fica ainda

“Estou em uma verdadeira fronteira, dividida entre a minha história com o meio rural e a minha relação atual com o mundo urbano da universidade”

mais complicado encontrar respostas diante de uma realidade que envolve desde questões climáticas até a falta de assistência, de incentivo e de reconhecimento. Os preços injustos e estereótipos ruins em relação à profissão também deixam os jovens assustados ao considerar permanecer na roça.

Vai pra roça!

Era um dia qualquer, meados de setembro de 2019, quando eu estava voltando do estágio para casa, que fica em Antônio Carlos. Aquela tarde, no entanto, ficou marcada em minha memória depois de ouvir algo como:

— Não sabe trabalhar com o público, motorista grosso. Vai para a roça!

A frase foi dita por uma mulher ao meu lado depois do motorista da linha UFSC Semi Direto arrancar o carro sem parar para as pessoas que esperavam no ponto da Biblioteca Universitária (BU). Todos os passageiros ficaram exaltados e falavam palavras fortes, mas o que aquela desconhecida havia dito anteriormente me chamou mais atenção. Naquela época eu estava em plena apuração desta reportagem e, confesso, a situação causou um misto de sentimentos que resultaram em ainda mais perguntas. O fato de o homem ter sido mal educado faz com que ele automaticamente seja uma pessoa da roça? O acontecido me fez refletir durante o trajeto de vinte minutos até o centro de Florianópolis e, embora tivesse me deslocado fisicamente, percebi que voltei para o mesmo lugar, o meu ponto de partida: a roça é boa?

Na perspectiva da mulher do ônibus parece que a roça é péssima e as pessoas que moram lá também: são vistas como mal educadas, grosseiras, não civilizadas. Para a maioria dos agricultores com quem conversei, entretanto, trabalhar na agricultura e morar no campo é uma 'benção'. A resposta do

meu questionamento seria então: a roça é boa, para quem? A pergunta que abriu esta reportagem ficou agora mais completa. A retórica não ajuda muito, mas dá a dimensão dos dilemas que encontramos enquanto jovens e filhos de agricultores.

Ouvir a fala da desconhecida naquele dia me fez lembrar que estou em uma verdadeira fronteira, dividida entre a minha história com o meio rural e a minha relação atual com o mundo urbano da universidade. Foi com esse sentimento que construí esta reportagem. Ter estudado Jornalismo permitiu sair e voltar cotidianamente de Antônio Carlos, com um novo olhar, mais crítico, mas também valorizando mais o que é feito pelas pessoas que lá vivem. Nos bastidores a seguir você encontrará um pouco mais das personagens (e de mim) entrelaçando as histórias anteriormente contadas.

Bastidores

A sexta-feira estava arrastada no bairro de Guio-
mar, Antônio Carlos, onde Gilmar Flórido Mannes,
57, vivia com a família. A chuva que perdurava du-
rante a primeira semana de setembro de 2019 ha-
via atrasado os serviços e, com a pancada que caía
depois do meio dia, o trabalho na roça ficava ainda
mais difícil. A alegria de Gilmar, no entanto, animava
todos e preenchia o silêncio que ecoava no galpão. O
agricultor tem um humor único, o que faz com que
qualquer desconhecido se sinta em casa. Suas pia-
das seguidas de risadas escandalosas causam rebuli-
ço de vez em quando e não tem como não se envol-
ver. Há boatos de que esse é o perfil de toda a família
Mannes, personalidade herdada da matriarca dona
Maria, que diz ser culpa do sangue dos Siqueira, so-
brenome nativo de Três Riachos, em Biguaçu. Não é
à toa que existe a frase “só podia ser trerriacheiro”
para justificar as brincadeiras de Gilmar e daqueles

que, como ele, não perdem a oportunidade de zombar. Nem que seja de si mesmo.

O perfil dinâmico de Má, como é apelidado, o levou a participar por anos do desfile de máquinas agrícolas no maior evento de Antônio Carlos, a Festa do Colono.



Gilmar e o filho Guilherme, que pretende suceder os pais na agricultura

A tradição permanece e, assim como na agricultura, seu filho Guilherme também vem assumindo esse papel com ajuda das irmãs Geiza e Gislaine.

— A Festa do Colono é o dia em que os agricultores sentem orgulho de serem agricultores, porque é o dia em que eles vão desfilar e mostrar o que são. Talvez seja o único dia em

que eles se sentem valorizados — disse Gislaine enquanto seu irmão Guilherme, ao lado, concordava com a cabeça.

— Eu desfilo porque eu gosto, o pai ia com a gente desde pequenininho. E também foge da rotina, é um dia diferente para o agricultor — completou ele.

Quem passa pelo galpão de Gilmar um dia antes da festa pode observar a montagem artística das máquinas, que são todas enfeitadas com produtos agrícolas. É pinguim de berinjela, cisne de abóbora, bonecos com cabelo dos cachos da Palmeira Real e outras inúmeras coisas que só a criatividade dos agricultores é capaz de alcançar.

As duas horas de conversa com a família Mannes foram regadas com muita história e risadas e, antes de sair do ranchinho, após a entrevista, participei do

café da tarde que a filha do meio, Geiza, havia preparado. Entre uma mordida no pão doce e um gole de café preto era a minha vez de responder as perguntas que todos faziam questão de levantar. Entre os temas, a faculdade, perspectivas para o futuro e, principalmente, com quais outros agricultores eu pretendia conversar. Mencionei o nome de Pedro Rodrigues, mas os rostos franzidos estampavam a interrogação por não saberem de quem se tratava. Percebendo a situação tentei explicar quem era e, no meio de uma frase, falei seu apelido, Petcha.

— Ah, é o filho do Chico — disse Gilmar, referindo-se a Francisco Rodrigues.

No interior da cidade dos verdes vales todos recebem um segundo nome, e é por ele que se tornam conhecidos. Ao falar sobre o Petcha, Má começou a listar outras famílias agricultoras que conhecia e com quem eu também poderia conversar. Anotei todos no meu bloquinho, entre eles um tal de Pedro Mentiroso, o qual não tive oportunidade de conhecer, mas só o apelido já me causou curiosidade.

Assim como quase todo mundo de Antônio Carlos, as famílias Mannes e Rodrigues se conhecem e, coincidentemente, moram no mesmo bairro. Tudo nesta cidade parece estar entrelaçado e é o que também acontece nesta reportagem. Os Rodrigues foram uma das indicações de fonte a ser entrevistada feitas a mim pelos profissionais da Epagri responsáveis pela sede do município. Recebi os nomes através do *WhatsApp*, depois que a Agrônoma Cassielly já havia feito um primeiro contato com os agricultores. No topo da mensagem estavam os gaúchos Josiane e Ricardo, com quem decidi conversar primeiro.

Assim como os Mannes, o casal gaúcho também me indicou alguns jovens agricultores para serem minhas fontes. O primeiro deles era Pedro Rodrigues que conheciam por serem um dos poucos agriculto-

res de Antônio Carlos que, assim como eles, plantam orgânicos. Petcha já havia sido mencionado duas vezes em menos de uma semana, resolvi, portanto, conhecê-lo.

Na segunda-feira seguinte, dia 12 de setembro de 2019, cheguei na casa da família Rodrigues e encontrei o apelido Petcha pichado pelas paredes do pequeno galpão. Depois de uma hora de conversa, antes da despedida, o rapaz ainda mencionou sobre o seu primo Matheus Besen, também filho de agricultores, mas que havia se mudado recentemente para Portugal. Não pude deixar essa história passar e saí de lá com o número de telefone da minha próxima fonte em mãos.

Matheus foi muito receptivo, conversamos pelo *WhatsApp* no sábado daquela mesma semana. Durante a entrevista percebi que todas as questões giravam em torno da sua família, por isso fui entrevistar eles também. Dias depois lá estava eu acompanhando o trabalho dos Besen na propriedade que fica no centro da cidade. O dia mal havia amanhecido e, enquanto cortavam as alfaces, conversava com Nerinho e o filho do meio, Felipe. Meu tênis de voleibol, que era cinza, saiu de lá manchado de lama vermelha, resultado das chuvas sobre a propriedade recém aterrada. Algumas semanas antes eu já havia estado próximo dali, na rua de trás, onde fica o galpão de Marcinho e do filho Breno. Depois das entrevistas, cruzei algumas informações que havia obtido com as duas famílias e descobri que Nerinho e Marcinho são irmãos por parte de pai. A cidade é pequena, mas não imaginava que fosse tanto.

No caso da família Richartz, eles se tornaram minha fonte através da indicação de Josiane e Ricardo, que moram no mesmo bairro, em Rio Farias. Durante a entrevista, o casal gaúcho me falou sobre como acham bonito a cena dos dois filhos, Franklin e José



Hygor, sentado um de cada lado do trator enquanto o pai, Zeca, segue dirigindo a caminho da roça. Para eles, a imagem é símbolo da força e da continuidade da agricultura familiar. Achei interessante esse ponto de vista e, ao retornar para casa, passei de carro em frente das casas dos Richartz, duas delas dentro de um mesmo cercado, a dos avós e, ao lado, a dos pais. A terceira, mais à direita, pertence ao filho mais velho, Franklin, recém casado. O simbolismo das três gerações, mencionado primeiramente pelo casal Josiane e Ricardo, retornou para minha mente ao observar as três residências na esquina do bairro. Consegui falar no *WhatsApp* com José Hygor e lembrei-me dos tempos de escola, eu e o rapaz havíamos estudado juntos no ensino médio, assim como nossos pais também eram colegas na adolescência. Encontrei todos na casa dos avós, Terezinha e Zé Anastácio, e depois segui a família até a roça onde acompanhei a plantação de batata doce.

Durante toda a apuração desta reportagem pude

Dona Irma, Rosmere, Chico e Pedro no ranchinho que abriga o negócio da família

acompanhar a rotina dos agricultores, de famílias parecidas com a minha. Acordei às cinco da manhã, tomei café com quase todos eles, andei de tobata, fiz amigos caninos, sujei o tênis de barro e escorreguei na terra lisa entre os canteiros. Acompanhei a colheita, a confecção dos molhos e a plantação dos verdinhos, desde os orgânicos de Josiane e Ricardo até a transplantadeira de alface do jovem Felipe Besen. Ver outras pessoas realizando tarefas que eu mesma realizo com meus pais, embora tenha sido difícil, por não poder ajudar com minhas próprias mãos, foi gratificante observar e registrar tudo como repórter. Estar presente naquele cotidiano de outra forma me fez perceber o quanto nós, antônio-carlenses, estamos entrelaçados e, experiências como essa, faz com que nossos laços se fortaleçam. Chego ao final desta reportagem sem muitas conclusões, é verdade, mas com a certeza de que registrei a realidade desses jovens e de suas famílias da maneira mais verdadeira possível.

E se você está se perguntando se eu, como jovem rural, pretendo ficar ou partir... Eu ainda não consigo responder, mas, independentemente disso, é preciso saber que há felicidade em todos os caminhos, só é preciso de olhos que saibam enxergar.

Agrade cimentos

Agradeço em primeiro lugar, e de forma especial, os agricultores e suas famílias onde realizei a apuração desta reportagem. Embora muitas vezes o tema tenha obrigado a invadir sua privacidade, sempre fui recebida de forma amável e gentil. São os agricultores familiares a razão primeira deste trabalho. Espero que as histórias retratadas possam se converter em admiração pelo seu trabalho árduo e em políticas efetivas em seu apoio e fortalecimento.

Aos meus pais, Antônio e Mariléia, que também são agricultores e me ensinaram desde cedo a plantar sementes do bem. São minha inspiração para qualquer hora. Meu pai, Ditcha, que não mediu esforços para que essa graduação fosse concluída. Que me esperava no ponto de ônibus e me buscava de carro à noite em Biguaçu. Minha mãe, Léia, que mesmo sem ter completado os estudos sempre foi minha Editora Chefe. Todos os textos e reportagens que neste curso realizei passaram pela sua leitura e aprovação, inclusive este TCC.

À minha irmã Natalia, que partilhou não só o quarto, mas também as minhas angústias durante todo o curso. Que conversava comigo sobre assuntos aleatórios, jogava vôlei e topava assistir *Friends* para descontrair. Obrigada pela paciência, pela companhia e pelos risos enlouquecidos (e sem explicação lógica) antes de dormir.

Aos meus avós, especialmente meu avô Nelson, que me ajudou com depoimentos da sua juventude e histórias da cidade de Antônio Carlos. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos e por discutir comigo assuntos diversos, desde religião e até política.

Agradeço também ao Nicolas Avansini pela ilustração da capa e à colega de turma, Carol Gómez e seu noivo, Otávio Francisco, que me auxiliaram na diagramação. Obrigada pelas contribuições e por dividirem comigo seus conhecimentos.

Minha eterna gratidão também a todos os professores e aos meus colegas da turma 2015.1 que me acompanharam durante a trajetória dentro do curso, parceiros de tantos trabalhos e discussões importantíssimas para o meu crescimento pessoal e profissional.

À minha orientadora, Maria Terezinha da Silva, pela paciência e o comprometimento comigo. A sua dedicação foi essencial para que eu conseguisse manter o foco e terminar este trabalho. Obrigada pelos ensinamentos e por sempre transmitir paz em suas palavras.

Deixo também aqui registrado minha gratidão a UFSC e ao curso de Jornalismo, que me possibilitaram tantas vivências enriquecedoras. O que vivi durante esses cinco anos de graduação, em uma universidade pública, jamais poderia ter vivido em outro lugar.

Finalizo este trabalho com um trecho de uma das clássicas músicas sertaneja que embalou a construção desta reportagem e resume o meu sentimento neste fechamento de ciclo: “Uma andorinha voando sozinha não faz verão”.

Embora vivam na mesma cidade, com realidades semelhantes, os motivos que levam os jovens a ficar ou partir se entrelaçam de formas diferentes para cada um. Como diz a música “As andorinhas voltaram”, do compositor Alcino Alves, consagrada na voz do grupo Trio Parada Dura, algumas andorinhas partem à procura de felicidade. Outras, depois de partirem, voltam para casa feridas, machucadas. E há aquelas que pousam no velho ninho, formando uma geração mais esclarecida que, apesar de tudo prefere ficar, talvez por achar que em Antônio Carlos tem futuro, afinal.